

NOVO CERCO

A Polícia Federal realiza mais uma etapa das investigações sobre o 8 de Janeiro na Operação Lesa Pátria. Um dos alvos é Leo Índio, o primo dos filhos de Bolsonaro. Ex-presidente ainda tem outros problemas com a Justiça



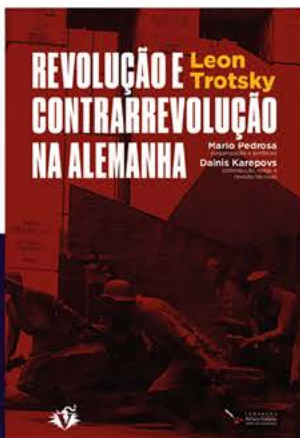
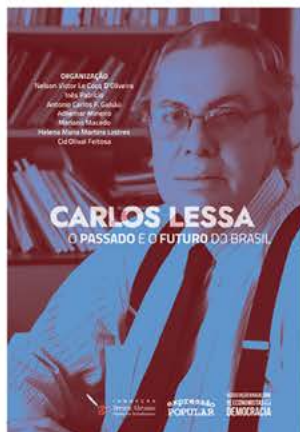
Olimpio

focus
BRASIL

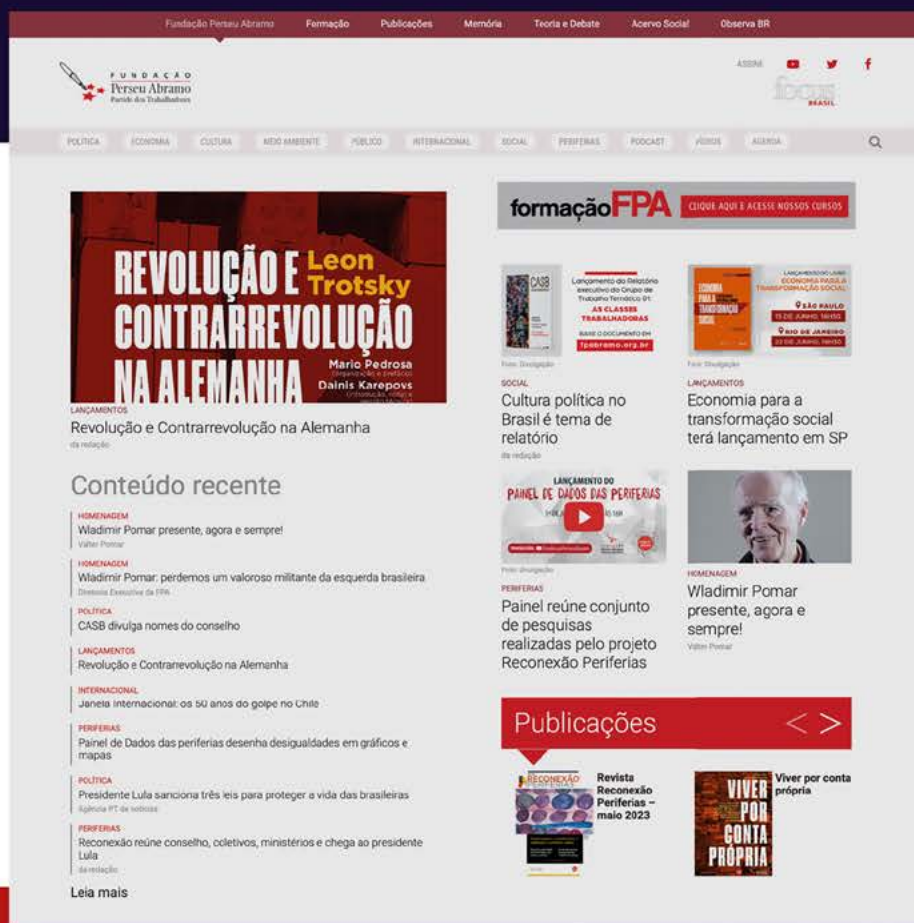
Fundação Perseu Abramo 30 de Outubro de 2023 Nº 119

Justiça tributária: Câmara aprova a taxação dos super-ricos
Como Israel pretende lidar com o 'day after' após invadir Gaza
Novo presidente da Câmara dos EUA é um radical de direita
Seca no Amazonas revela desenhos de mais de 2 mil anos
O filme 'Meu nome é Gal' mostra a vida da diva da MPB

CONHEÇA A FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO



27 ANOS PRODUZINDO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO POLÍTICA



■ **ACOMPANHE NOSSOS CANAIS E RECEBA NOSSAS PUBLICAÇÕES!**



www.fpabramo.org.br



@fpabramo

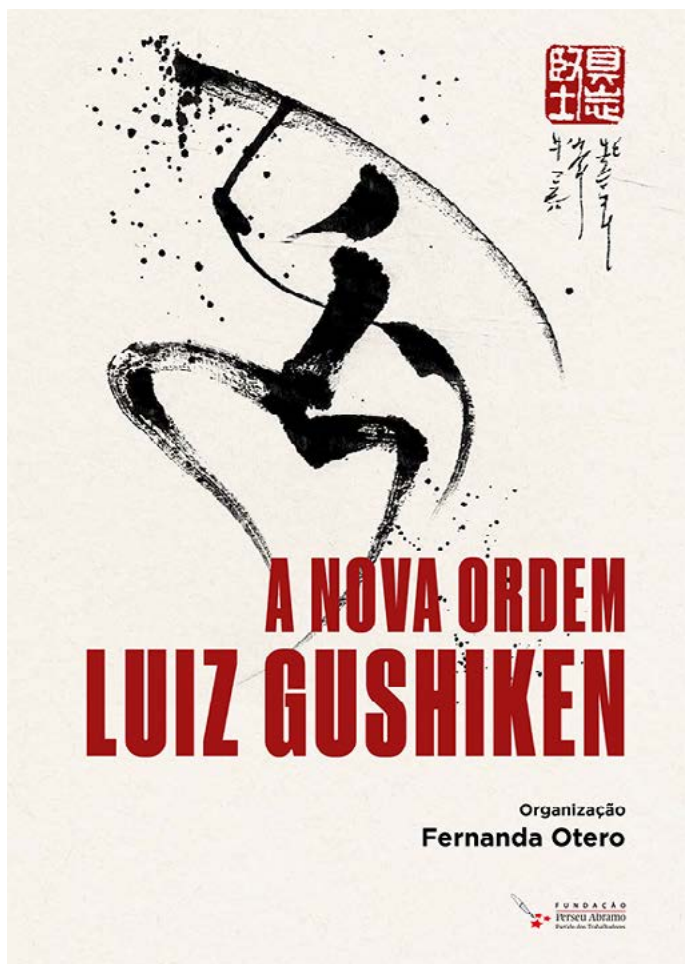


Fundação Perseu Abramo



@fpabramo





focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Bia Abramo,

Fernanda Estima, Guto Alves,

Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Olimpio Cruz Neto e Paulo Chagas



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria

de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira

Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim,

Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio,

Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque,

Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel,

Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada

Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima,

Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza

Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges

Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena

Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

**CONTRIBUA COM A REVISTA
REVISTA RECONEXÃO PERIFERIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuir com a Revista Reconexão Periferias de fevereiro.

O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

REVISTA
RECONEXÃO
PERIFERIAS



PRIMO LEO TAMBÉM ESTAVA NO 8 DE JANEIRO

A CPI dos Ataques à Democracia encerrou seus trabalhos na última semana, apontando o indiciamento do ex-presidente da República por quatro crimes, bem como de outras 60 pessoas envolvidas nos atentados de 8 de janeiro, incluindo oito generais, ex-ministros de Estado, parlamentares e funcionários do Planalto

Página 12

ENTREVISTA. Dandara Ferreira conta como fez o filme "Meu nome é Gal"

Páginas 6 e 40

ALERTA. Pesquisa Quaest aponta ligeira queda de aprovação do governo

Página 20

OBAMA. Ex-presidente está preocupado com o conflito no Oriente Médio

Página 29

ENCRENCA. Celulares do advogado de Bolsonaro são periciados pela PF

Página 15

DEBATE. Fundação Perseu Abramo realiza encontro para tratar de Brasil e China

Página 22

EUA. Radical de direita ocupa agora a Presidência da Câmara dos Deputados

Páginas 32

PUNIÇÃO. Corregedor condena ex-presidente por uso da máquina pública

Página 17

ARTIGO. Zeca Dirceu destaca a perceria estratégica sino-brasileira

Página 24

HISTÓRIA. A eleição de Dilma em 2010 e a morte de Marighella em 1969

Páginas 34 a 39

AVANÇO. Câmara aprova projeto que tributa super-ricos pela primeira vez

Página 18

GUERRA. Israel não tem ainda um plano para lidar com o 'day after' em Gaza

Página 25

CULTURA. Vem aí um presente dos Beatles: uma canção inédita de Lennon

Páginas 42



Abdel Khaled/AP

O FRACASSO DAS NAÇÕES UNIDAS

Alberto Cantalice

Ainação das Nações Unidas frente ao genocídio em Gaza demonstra o quão urgente é a necessidade de uma reforma do seu Conselho de Segurança. Composto por 15 membros, sendo cinco permanentes e 10 rotativos, eleitos a cada dois anos, o conselho tem cinco nações com poder de veto: Estados Unidos, China, França, Reino Unido e Rússia. Qualquer desses cinco podem obstruir uma resolução. Esse poder tem sido exercido pelos EUA reiteradamente na questão do conflito Israel-Hamas.

A pouca representatividade do Conselho tem levado líderes de outras nações, como Luiz Inácio Lula da Silva do Brasil e Narendra Modi da Índia, a questionarem a ausência de outros países estratégicos no concerto das nações com direito a

um assento permanente. “São os cinco países do Conselho de Segurança que fabricam armas, que vendem armas e que fazem a guerra. É a contradição. Por isso que nós queremos mudar o conselho”, disse Lula em café da manhã com jornalistas na sexta-feira, 27.

Defensor da constituição dos dois Estados – Israel e Palestina –, Lula não economizou críticas sobre o início e a retaliação no conflito em Gaza. “O que nós dissemos? É que o ato do Hamas foi terrorista. Nós dissemos em isso em alto e bom som de que o ato do Hamas foi terrorista”, ressaltou.

“Não é possível fazer um ataque, matar inocentes, sequestrar gente da forma como eles fizeram. Agora, o que nós temos é a insanidade também do primeiro-ministro de Israel, querendo acabar com a Faixa de Gaza, se esquecendo que lá não tem só soldado do Hamas, tem mulheres, crianças, grandes vítimas des-

ta guerra. Daí a minha preocupação com os brasileiros”, disse.

A escalada do conflito é motivo de grandes manifestações pelo mundo. A situação enfrentada pela Palestina, sujeita às ocupações irregulares e criminosas por parte de colonos israelenses na Cisjordânia, ao arripio dos acordos internacionais e as orientações da ONU, é um estopim permanente na região.

A coalizão fundamentalista e de extrema-direita montada por Benjamin Netanyahu para se manter no poder tem como exigência primeira a continuidade da ocupação.

Não haverá paz na região enquanto não for resolvida a questão territorial. Os EUA, o principal aliado de Israel, já sofre internamente uma pressão para que ajude a montar uma saída pacífica para a região. Sem a constituição plena dos dois Estados, o morticínio e a vergonha continuarão a assombrar os povos do mundo. •

“GAL ERA O GRITO CONTRA A DITADURA E A MORALIDADE CARETA”

Em “Meu Nome é Gal”, filme que conta a história dos primeiros anos de Gal Costa, a diretora Dandara Ferreira renova o olhar sobre o tropicalismo e as décadas de 1960 e 1970

Bia Abramo

Entre as estreias de “O Nome Dela é Gal” e “Meu Nome é Gal” há uma distância de seis anos e uma cineasta. O nome dela é Dandara Ferreira, que dirigiu o documentário (2017) em quatro episódios e, logo em seguida, engatou num projeto de prosseguir contando a história de Gal Costa, desta vez em forma de um longa de ficção. De acordo com o plano, a vida de Maria da Graça Penna Burgos Costa, nascida em Salvador em 26 de setembro de 1945, seria narrada, com a participação da cantora, em pelo menos três partes.

O filme que estreou em 12 de outubro está delimitado por dois marcos importantes na carreira de Gal: da saída de Salvador em 1965 à estreia do show “Fa-Tal - Gal a Todo Vapor”. Parece curto demais, para uma carreira mais de quase seis dé-

cadadas, mas é justo o período em que se arma a Tropicália, da qual ela seria a voz mais distintiva. Para Dandara Ferreira, que recebeu a reportagem da revista **Focus Brasil** na semana de estreia do filme, essa era uma maneira abordar esse período formativo e totalmente decisivo na carreira artística de Gal Costa, ao mesmo tempo que traçar uma linha narrativa que desse conta dos dilemas e das crises de uma jovem mulher.

“O filme é justamente isso, sobre essa menina tímida que acaba entrando num dos movimentos culturais, estéticos, políticos mais importantes daquele período, que é a Tropicália; sobre como que ela enfrentou, como que ela lidou com isso, com a ditadura, com a moralidade”, afirma Dandara. A diretora, que também faz um pequeno papel no filme, como ninguém menos que Maria Betânia, conversou com a reportagem da

revista Focus sobre o filme que fez, em duas semanas, mais de 100 mil espectadores. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Focus Brasil – Assisti o filme no cinema aqui e fiquei impressionada com a quantidade de jovens na plateia - e que aplaudiram o filme quando acabou...

Dandara Ferreira - É, isso que é bom, essa molecada se conectando com Gal. Na verdade, desde que Gal gravou “Recanto” (1) que percebo que tem uma juventude se conectando com a música de Gal. E ela ficava muito feliz com isso. Eu lembro que, na época que ela fez o “Recanto” com o Caetano, um disco novo, que marcava um retorno dela aos palcos, ela ia fazer um show no Circo Voador, por sugestão do Moreno. Ela ficou meio na dúvida, achando que os jovens



não iriam ao show dela. Depois, ela comentou como ficou impressionada de ter restabelecido uma conexão com a juventude... A juventude se conecta com Gal.

– Eu diria que pelo menos uma explicação quase óbvia e outra nem tanto. A música pop (e aí nisso eu incluo a música popular brasileira) vive um pouco de “eterno retorno”: a cada 20 ou 30 anos, alguém redescobre uma tendência incrível de 20 ou 30 anos atrás. A outra é que a Gal que virou “a maior cantora do Brasil” tinha mesmo uma potência juvenil no canto dela. A escolha de Sophie Charlotte para protagonista, uma jovem atriz global, obedeceu a algum cálculo no sentido de atrair essa audiência?

– Não, não teve, Bia. Foi coincidência total. Esse projeto tem seis anos e foi de lá para cá, foi que Sophie Charlotte, que já se destacava como uma atriz promissora, ficou

ainda mais popular. E foi ainda mais recente, por causa desses últimos trabalhos dela, essa novela “Todas as Flores”. A Gal sempre disse que ela era uma pessoa intuitiva, mas acho que foi também uma intuição minha. Na hora que fomos montar o projeto, eu pensei na Sophie, me veio a Sophie, não sei por quê. Se você olha para a Sophie, não é a aparência física que remete ela à Gal, ou pelo menos, não é a primeira coisa que chama a atenção.

Mas me veio a Sophie na cabeça, eu acho que veio também por causa de um filme que ela fez chamado “Serra Pelada”, era um papel dela que não era tão grande, ela não era a protagonista, mas a personagem dela tinha uma expressão corporal e uma sensualidade que a Gal também tinha, principalmente nesse recorte de tempo do filme. Acho que isso ficou na minha cabeça. Eu não sabia nem que Sophie sabia cantar. E aí quando eu liguei para a Gal e falei que estava pen-

sando na Sophie, a Gal falou “puxa, excelente escolha”. E ela falou mais duas coisas: a primeira era que Sophie tem uma doçura no olhar que ela tinha também na mesma idade. E também mencionou falou que a Sophie tinha um timbre muito próximo ao dela. Foi aí que perguntei: “mas como é que você sabe?” Gal me contou que tinha visto ela cantando “Sua Estupidez” com Roberto Carlos. Quando eu vi esse vídeo, num especial de final de ano, foi que rolou uma conexão mesmo. Liguei para ela: “Sophie, eu dirigi um documentário da Gal, agora estou com esse projeto de ficção”. Ela na hora virou e perguntou: “Que dia a gente começa?” Foi assim.

– E essa escolha que você me relata como uma sucessão de acasos mais provou sair uma escolha acertada?

– Muito. É curioso, porque, no começo, logo que foi anunciado o filme, as pessoas apontavam mil coisas: ela não é baiana ou não

parece fisicamente com a Gal. E eu estou vendo que agora as pessoas se impressionaram bastante. Pode ser que, no primeiro olhar, Sophie não se pareça com Gal, mas Sophie trouxe, até por ser tão boa atriz, uma coisa de corpo... Porque quando a gente fala de Gal, a gente fala muito da voz. Gal é a voz, mas Gal é corpo também. Gal sempre se comunicou através do corpo. Inclusive nesse recorte que a gente está falando, no final dos anos 1960 para os 1970, ela se tornou a voz política, não só por causa das músicas, mas também pela comunicação estética do seu corpo em cena. E Sophie trouxe isso. Teve um dia que a gente estava filmando uma cena, aquela festa no apartamento dela já ali naquele período do "Fatal", ou seja, em 1971, que Sophie começou a fazer umas movimentações que me deixaram emocionada no set de filmagem. Precisa dizer que sou uma pessoa muito conectada com Gal, conheço bastante, sou fã mesmo. E falei: "gente, que impressionante como que ela trouxe na sutileza esse corpo de Gal". E nesse sentido, no filme tem esse tempo de ela virar a Gal. O filme é justamente isso, sobre essa menina tímida que acaba entrando num dos movimentos culturais, estéticos, políticos mais importantes daquele período, que é a Tropicália; obre como que ela enfrentou, como que ela lidou com isso, com a ditadura, com a moralidade. Também é a história de uma gênese, a transformação da Maria da Graça em Gracinha e daí para a Gal Costa. Quando ela chega, ela ainda é essa menina tímida, joãogilbertiana, que aí se transforma em tropicalista. É uma transformação muito grande, que exige bastante dela e que ela vai correspondendo. Logo quando a gente começou o projeto, eu já tinha toda a pesquisa ainda do meu documentário, que serviu de base para o projeto agora. E eu sempre mostrava para a equipe umas imagens da Gal. É

muito surpreendente lá no começo mesmo, quando ela começou ali nos programas de televisão, nos primeiros festivais... Você vê que Gal está cantando com ombro totalmente curvado. Ela não toca no microfone, parecendo ter medo do microfone. Aí já no "Divino Maravilhoso", você já vê a transformação. E no "Fa-tal", então ela já está com muita intimidade. Esse microfone, ela roda com ele, ela anda com ele, está íntima do seu instrumento e ela já mostra uma presença de palco que é muito chocante. E

O FILME É SOBRE ESSA MENINA TÍMIDA QUE ACABA ENTRANDO NUM DOS MOVIMENTOS CULTURAIS, ESTÉTICOS, POLÍTICOS MAIS IMPORTANTES

a Sophie foi trazendo essa transformação no corpo e na voz também. A voz, no começo, é um pouquinho mais doce, depois começa essa fase mais tropicalista, tem o gritar... O grito da Gal era muito para a ditadura militar, uma resposta a ela.

– **Por que você definiu exatamente esse recorte para o primeiro episódio?**

– Então, Bia, porque normalmente a cinebiografia sempre tenta contar a vida inteira do personagem, do artista. E você acaba nunca se apro-

fundando muito, porque é muito difícil você em uma hora e meia, duas horas, você contar a história de uma vida inteira, todas essas vivências. Então, desde o começo, desde o princípio, a gente sempre partiu de que deveria pensar no recorte. Para mim, eu especificamente sou muito fã da Tropicália. Fora a Semana de 22, a Tropicália foi... É um movimento cultural, estético, artístico, político, entre os mais importantes para a cultura brasileira. Então, não tinha como a gente não contar essa história sem passar pela Tropicália, até porque Gal se tornou uma personagem importante da Tropicália. Foi uma das principais vozes femininas, pelo menos foi a voz feminina da Tropicália, foi Gal. E a gente também, esse roteiro, esse filme-projeto também demorou muito por causa do roteiro, porque era muito difícil a gente contar essa história, porque Gal, diferente, por exemplo, de Elis, cuja história tem muitos marcos externos. Gal é muito uma transformação interna e isso é muito difícil você colocar em cinema, é muito difícil. Esse roteiro ia para lá, ia para cá, ia para lá, ia para cá, e a gente não conseguia ter esse roteiro. Na ideia inicial, o filme começava na Bahia, tinha esse ano 60, 70 ali, essa ida para o Rio de Janeiro, São Paulo, e terminava no Gal Tropical, ali na fase dela de sucesso já nos anos 1980. Só que a gente viu que não estava encaixando, não estava, o filme já terminava ali, essa história que a gente queria contar, justamente disso, dessa gênese, dessa origem, não só dessa artista, mas acho que teve uma transformação também pessoal da Gal ali, que é justamente nesse recorte, nesse período. O que vem depois já é A Gal Costa, mas a gente queria contar como é que surgiu, de onde vem essa transformação dela ali, que é a do recorte desse filme. E aí foi muito louco, porque a primeira vez que Gal foi na Paris Filmes (a produtora) para ouvir sobre o projeto... Quer dizer, eu já conversava

bastante com ela, a ligação do projeto era muito minha e dela, a gente trocava mensagens... Mas ela foi logo no começo, na Paris, para poder ouvir, para poder conhecer as outras pessoas que estavam envolvidas no projeto. E tinha esse pedaço dos anos 80 ainda. Aí tivemos uma pandemia, uma demora para a feitura do roteiro, e em 2021, a gente retomou o projeto. Fomos na casa dela, a gente ainda estava em pandemia, para apresentar o novo recorte, para apresentar o novo projeto, porque nunca mais tínhamos falado muito mais sobre o projeto. Ela só sabia algumas coisas porque a gente ficava se falando, mas não pela produtora, não numa relação formalizada. E aí ela chegou no cantinho para mim e falou: "que bom que tirou os anos 80, eu não estava feliz com isso". Acho que ela entendeu que realmente, não que não fosse bom os anos 80, mas acho que Gal tinha uma consciência que realmente esse filme teria que terminar ali no Fatal, porque é ali, a gente está falando disso, desse começo dessa artista, dessa mulher, dessa transformação também ali de uma menina, ela fala isso, que no Divino Maravilhoso ela entra menina e sai uma mulher, ela se define nesse momento. Ou seja, já era uma história suficientemente densa essa transformação dessa menina e mulher, dessa menina tímida que encara a Tropicália. E quando o Gil e o Caetano são exilados, ela segura com toda a firmeza, fica com essa voz política, essa voz de resistência ali no "Fa-tal".

Isso é notável, porque realmente o disco "Fa-tal" é um ponto de inflexão na MPB: um álbum conceitual duplo e ao vivo; com repertório completamente destrambelhado no melhor sentido, porque quase que cabe tudo em termos de história da música popular brasileira. Nesse sentido, tem uma coisa bem importante que o filme recoloca,

que é ela Gal Costa, quem segura a Tropicália enquanto Caetano e Gil estão exilados.

– Isso. Exatamente.

– Agora, eu senti um pouco de falta de ver mais como a turma que ficou, ou seja, Tom Zé, Macalé, mais Torquato Neto e Wally Salomão foram decisivos para essa Gal quase pós-tropicalista. Até porque é uma turma que ficou mais no bastidor, nem todo mundo conhece...

– Exatamente. São eles que botam

QUANDO O GIL E O CAETANO SÃO EXILADOS, ELA SEGURA COM TODA A FIRMEZA, FICA COM ESSA VOZ POLÍTICA, ESSA VOZ DE RESISTÊNCIA

Gal para frente, todos os amigos, em cada encontro... É isso que você está falando: esse filme, embora tenha uma explosão desses personagens importantes, icônicos, às vezes pode ser confundido com uma história documental desse período, mas para mim, para o filme, eles estão lá porque, nessa época, Gal conviveu com essas pessoas. Só que o filme ficou o tempo inteiro muito Gal – e a gente sempre pensou muito nisso. É uma câmera que está muito próxima da Gal. Mas todos os encontros, todas

essas relações foram muito importantes para levantar a Gal, para essa transformação da Gal. Não só o que estava acontecendo externamente no país, mas cada amigo... Você vê que ela tem sempre um encontro pontual. É com o Gil, é com o Caetano, é com a Bethânia. E cada um desses foram muito importantes para levantar a Gal.

Só um parêntese aqui, antes que eu esqueça e isso eu ainda não falei em nenhum nenhum lugar. Você falou da importância do "Fa-tal". O Fatal também para mim, tive uma relação muito próxima, afetiva e tem várias homenagens ali para meu pai (Juca Ferreira). Aquela cena do filme em que o Wally fala para a Gal dos militares foi muito baseada numa história que meu pai me contou e que eu não sabia. Só soube na época que comecei a fazer esse projeto e aí meu pai me contou. Essas histórias ali da ditadura, meu pai não gosta muito de falar, então não sei muita coisa. Mas aí ele me contou que à época do "Fa-tal", ele morava no Rio e estava na luta armada. E meu pai era muito fã da Gal. Quando ele viu que ia ter o show, ele queria ir de qualquer jeito, mesmo com todos os amigos alertando que seria perigoso, porque provavelmente os militares iam baixar lá, porque era um lugar visado, de esquerda. E meu pai resolveu se arriscar e foi com um amigo. Foi e dançou loucamente a noite inteira. E às tantas, acho que o Wally acaba reconhecendo meu pai, mas não quis falar muito com ele, para não se arriscar nem botar meu pai em risco. E meu pai morrendo de medo de sair dali e ser preso, mas ele resolveu ir mesmo, porque ele era muito fã da Gal.

– E que tem das suas reminiscências de conviver, mesmo que mais o adiante, de Salvador e dos tropicalistas?

– Meu pai aparece de novo quando tem aquele cartaz na rua de

“Procura-se”. Bom, eu apareço, porque eu faço a Bethânia e também tem uma cena na praia, correndo. E, para quem assistiu o documentário [“O Nome dela é Gal”] tem muita imagem que está ali que está também lá.

– Então, já que você mencionou o documentário, é visível que o filme parte de muita pesquisa, você tinha muito material do qual partir. E, no momento de ficcionalizar, quais foram as suas referências? Você viu algum... Tem algum filme que você falou, puta, era isso que eu queria fazer?

– Boa, boa pergunta. Foram várias etapas, para ser bem sincera. Primeiro, logo quando a gente começou o projeto, muito da pesquisa veio do meu documentário. Eu tenho muita coisa catalogada, foram dois anos fazendo isso. Mas, ao mesmo tempo, a gente precisava de ter um pouco mais sobre a Gal, sobre as questões internas da Gal, que ali não tinha. E era muito difícil conseguir isso, porque a Gal sempre foi muito reservada. A Mayra, roteirista, que está desde o começo do projeto, ela foi a única pessoa que teve alguns encontros com a Gal para poder escrever para o filme. Ainda nem começando o roteiro, mas para a pesquisa mesmo. Acho que ela chegou a ter uns três encontros com a Gal e aí depois a Gal começou a se fechar. Porque a Gal era assim. A Mayra começou a abrir conversas com pessoas próximas da Gal para ajudar a contar essa história, para poder a gente se alimentar mais do interno da Gal. Então teve essa primeira etapa, que foi bem importante.

Foram muitos anos de construção desse roteiro, muita gente participando, ia, vinha, muita troca, muitas vezes a gente olhava e dizia: isso funciona, isso não funciona. Claro que é em cima da vida da Gal, mas também é ficção, tem algumas coisas que a gente precisa adaptar para poder você ter narra-

tiva, para você ter filme, para você ter dramaturgia.

Teve uma outra etapa muito importante de pesquisa que veio da arte. O Thales Junqueira e a Juliana Lobo, que são diretores de arte, eles trouxeram uma pesquisa que foi impressionante, não só para eles, para a questão da feitura da arte do filme, mas que foi muito importante para a etapa final do filme, para quando a gente estava ali arrematando o roteiro. Eles trouxeram muita coisa de cinema, muitas referências de filmes, desde

QUANDO A GENTE NÃO ESTAVA ENSAIANDO, ELES IAM ATRÁS, CADA UM DO SEU PERSONAGEM, E QUE FOI MUITO IMPORTANTE PARA A CONSTRUÇÃO

o Bethânia Bem de Perto, mas também dos filmes do Godard à época... Procuramos dialogar bastante com aquela estética, a cor do filme, muito veio dali... A gente trocava muito filme, muitas ideias. E a outra fase que é importante também, que tem que falar, foi o que os atores também trouxeram. A gente ficou morando um mês numa casa, onde a gente ensaiava também. Eu não ficava o tempo inteiro, porque eu também estava como diretora, mas também participei como atriz, fazendo a Bethânia. A gente nunca

ficou numa sala de ensaio passando texto, era tudo muito vivo, muito orgânico, nossa vivência, nossa troca ali, que a Amanda Gabriel, a preparadora de elenco, foi muito importante nisso. A gente queria trazer esse lugar de grupo que a Tropicália tinha, então foi até uma ideia da Sophie de a gente viver nessa casa por esse tempo. No intervalo, quando a gente não estava ensaiando, eles iam atrás, cada um do seu personagem, traziam livro, traziam filme, e que foi muito importante, não só para cada um, para a construção do seu próprio personagem, mas as trocas foram muito importantes para alimentar os outros personagens, tanto que muitas falas ali foram mudadas no próprio set de filmagem, porque os atores trouxeram coisa dos seus personagens, porque estava todo mundo muito inserido, então foi tudo isso, foi uma mistura em várias etapas de várias pessoas para a gente chegar nesse lugar.

– Um método bem tropicalista, por assim dizer, não é? Juntar todo mundo, fazer uma coisa de quase provocar uma crise para chegar em uma criação coletiva...

– Sim. E que foi muito importante, porque a gente vê isso na tela, todo mundo se entrosou muito. As relações eram fortes, e que é bom para a cena, foi muito importante.

– As cenas coletivas ali das festas parecem festas mesmo, onde as pessoas estavam de fato se divertindo...

– É, porque era aquilo que a gente estava vivendo. Praticamente, a gente só levou para o set de filmagem, porque na casa era isso, era festa à noite, era ensaio de manhã e à tarde, era leitura... Aí uma pessoa vai para a piscina para ler um livro, outro ia ver um filme, então aquilo ali já estava muito natural.

– Você tem chamado a atenção para o fato de que o filme é sobre

o processo interno da Gal, mas também me parece que tem uma leitura sobre o que era ser mulher nesse período, o que era ser mulher em um movimento artístico. Nesse sentido, se sobressaem alguns temas e personagens: a mãe e a Dedé, por exemplo, ambas vividas por atrizes impressionantes.

– A Chica é uma grande atriz do teatro baiano. Ela nunca fez muito cinema. Eu fiz aula de teatro com ela e com o Rodrigo xxxx, que faz o Caetano, por isso que eu convidei eles para o filme. A Chica é uma excelente atriz e professora do Teatro Vila Velha. E a Camila Márdila, a Dedé... É ela quem faz tudo acontecer. Ela está no bastidor, mas é graças a ela que tudo acontece e, ao mesmo tempo, ela apoia a amiga, incentiva... Quanto tem um monte de homem ali, querendo decidir a vida da Gal, e ela não deixa eles decidirem, ela vai lá e diz: “vamos ouvir a Gal”. E foi isso mesmo, ela foi uma pessoa muito importante. Todos os amigos falavam sobre a importância da Dedé para tudo aquilo acontecer, essa força que foi a Dedé. Então, a gente quis trazer isso para o filme também. Sem falar que Camila é uma atriz que... É impressionante a Camila, gente. É impressionante. Ela é muito boa. Ela é muito boa. Não é pouco, não. E a Camila traz isso, dessa força incrível da Dedé e das outras contribuições. Por exemplo, o Caetano e Gil, ali no começo dos festivais, eles, esteticamente, eram mais caretas, se vestiam com terninho, calça social... E Dedé foi importante nesse lugar também junto com a Regina Boni. No filme, a Regina, que fez o figurino, também aparece essa tentativa de transformar esteticamente eles, porque eles eram muito modernos na música, mas, no vestimenta, eles eram caretas.

– Tive a impressão que o filme sublinha esse olhar feminino sobre a Tropicália. De novo, essa

foi uma decisão consciente do roteiro, de contar uma história com a qual as mulheres possam se identificar?

– Sim. Foi pensado nisso. Olha, desde o documentário, sempre senti um incômodo, porque quando a gente fala da Tropicália, é muito difícil de você ter a voz feminina. É sempre Gil e Caetano falando sobre o movimento, isso já é uma coisa que eu tenho falado há muito tempo. Eu não acho nada de quase de Gal falando sobre a Tropicália. Ela fica, claro, ela foi importante ali

A GENTE QUERIA TRAZER TAMBÉM A DEDÉ, QUE SEMPRE FICOU UMA PERSONAGEM DE BASTIDOR, MAS ELA FOI ESSENCIAL PARA TUDO ISSO ACONTECER

nessa voz que eu falei, né? Na estética do corpo, não sei o quê, mas a gente tem muito pouco ela, até porque Gil e Caetano são mais o discurso. Então, quando a gente pensou no projeto, a gente falava muito disso também, dessa homenagem também, de trazer esses personagens que normalmente as pessoas não têm esse mesmo olhar, porque acabam ficando tão dito, tão explícito a participação, mas que foram importantes, de a gente trazer um destaque para isso, não só para Gal, porque Gal

foi esse lugar de uma referência para diversas mulheres, diversas gerações. Ainda hoje eu sou de uma geração muito mais nova do que Gal, mas eu tenho ela como uma referência, eu tenho essa conexão com Gal, dessa ruptura, de tudo que ela simbolizou para nós mulheres e principalmente nesse período. Você mesma falou quão difícil que era ser mulher cantora nessa época, ainda mais que era ser cantora, mulher, era uma coisa que era subestimada, que o filme também fala desse lugar também, não é fácil você chegar ali no palco e cantar em 1968 “é preciso estar atento e forte, não temos medo de temer a morte.” E a gente queria trazer também a Dedé, que sempre ficou uma personagem de bastidor, mas ela foi essencial para tudo isso acontecer. Então isso foi pensado para trazer essas figuras femininas para o primeiro plano.

– É impressionante que, com a morte da Gal e depois da Rita Lee, como essas mulheres foram as grandes criadoras e referência de tudo, desde as letras, comportamento, jeito de se vestir até comportamento sexual, de como fazer uma presença corporal libertária, um monte de coisas que foram fundamentais para a sua geração, que é mais nova que a minha, mas também para a minha e seguem sendo importantes. A comoção na morte das duas foi muito semelhante nesse sentido. E acho que o filme recoloca também o lugar dessas mulheres, cantoras, intérpretes, como criadoras.

– Sim, muito! Sim, Gal não é compositora, mas ela tem uma questão da criação também, através da interpretação que ela leva para o palco também. Isso também precisa ser dito. É muito único, cada interpretação da Gal. Então isso tem esse lugar também da criação ali. Interpretação, repertório, porque no Fatal é onde ela fala que o repertório é outro. •



AUTOINCRIMINAÇÃO

Léo Índio participou dos atos de radicais que não aceitavam a derrota de Jair Bolsonaro e partiram para o tudo ou nada em 8 de janeiro, uma semana depois da posse de Lula

CERCO AOS GOLPISTAS

A Polícia Federal deflagra a 19ª fase da operação Lesa Pátria, e coloca sob a mira das investigações sobre o 8 de Janeiro outras 12 pessoas, incluindo Leo Índio, primo dos filhos de Bolsonaro

Uma semana depois da CPI dos Ataques à Democracia encerrar suas atividades a aprovar um relatório indiciando 61 pessoas – incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro, generais e autoridades – pela conspiração contra a democracia e a tentativa de golpe de Estado, em 8 de janeiro, a Polícia Federal voltou às ruas.

Em busca de criminosos que participaram do atentado contra os Três Poderes da República, agentes da PF deflagraram, na quarta-feira, 25, a 19ª fase da Operação Lesa Pátria. Eles cumpriram cinco mandados de prisões preventivas e 13 mandados de busca e apreensão, expedidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Os alvos são 12 pessoas apontadas pelas investigações pelo envolvimento direto e que, de alguma forma, incentivaram, participaram ou fomentaram a tentativa de golpe que levou à invasão e depredação do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e da sede do Supremo Tribunal Federal. Os mandatos foram cumpridos em Cuiabá, Cáceres (MT), Santos (SP), São Gonçalo (RJ) e Brasília por determinação do ministro Alexandre de Moraes.

Entre os 12 investigados, está Leonardo Rodrigues de Jesus, o Leo Índio, primo dos filhos de Bolsonaro. Ele é filho de Rosemeire Nantes Braga Rodrigues, irmã de Rogéria Nantes Braga

Rodrigues, primeira esposa de Jair Bolsonaro e mãe de Flávio, Carlos e Eduardo. Léo Índio estava na Praça dos Três Poderes no dia dos ataques aos prédios das instituições da República. Ele se candidatou a deputado distrital na Câmara Legislativa do DF nas eleições gerais de 2022, mas não se elegeu.

No dia 8 de Janeiro, durante os ataques em Brasília, o empresário publicou fotos do lado de fora do Congresso e diante da sede do Supremo. Esta é a segunda vez que a PF expede um mandato de busca e apreensão contra ele, que foi um dos alvos da terceira fase da Lesa Pátria.

“Os fatos investigados cons-

**PRIMO LÉO ÍNDIO
PRODUZIU PROVAS
CONTRA SI MESMO.
EM 8 DE JANEIRO,
PUBLICOU SELFIES
DURANTE OS
ATAQUES ÀS SEDES
DOS TRÊS PODERES,
EM BRASÍLIA**

tituem, em tese, os crimes de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado, dano qualificado, associação criminosa, incitação ao crime, destruição e deterioração ou inutilização de bem especialmente protegido e crimes da lei de terrorismo”, afirmou a PF em nota.

O primo Léo é um dos mais próximos amigos do vereador carioca Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ). Ele também é investigado no inquérito aberto pela Procuradoria Geral da República para apurar a organização e o financiamento das manifestações de 7 de setembro de 2021, quando Bolsonaro ameaçou o STF e xingou Alexandre de Moraes. Na época, ele postou nas redes sociais uma campanha de arrecadação de dinheiro para financiar as manifestações golpistas.

No dia anterior à operação, na terça-feira, 24, o ministro Alexandre de Moraes recebeu das mãos da relatora da CPI, senadora Eliziane Gama (PSD-MA) – e de integrantes da comissão parlamentar – o documento final aprovado, que aponta crimes de associação criminosa, violência política, abolição violenta do Estado Democrático de Direito e golpe de Estado. Todos estão tipificados no Código Penal, por condutas dolosas.

O ministro incluiu o relatório final da CPI em investigações que tramitam na Corte sobre atos antidemocráticos no gover-



Reprodução/Facebook

BONS TEMPOS Ao lado do tio, Jair Messias Bolsonaro no Palácio da Alvorada, o primo Léo Índio tentou a sorte nas eleições de 2022, concorrendo a uma cadeira na Câmara Legislativa de Brasília, mas não conseguiu vencer a disputa

no Bolsonaro. Segundo Moraes, as provas contidas no relatório serão compartilhadas com o inquérito das “fake news”, o inquérito das milícias digitais e a investigação sobre os rastreamentos ilegais da Agência Brasileira de Inteligência (Abin).

“O encaminhamento deve ser deferido, uma vez que é pacífico o entendimento do STF quanto à possibilidade de compartilhamento de elementos informativos colhidos no âmbito de inquérito para fins de instruir outro procedimento criminal”, justificou o ministro.

Ele diz que o relatório aponta para um “reiterado procedimento atentatório à democracia adotado pelas milícias digitais”, além do aparelhamento da Polícia Rodoviária Federal e do desvirtuamento da Abin. Também foram citadas “as tentativas de obstrução das eleições, e posteriormente, de sua anulação”, a partir

de bloqueios de rodovias, acampamentos, atos de vandalismo e tentativas terroristas, como a da bomba no aeroporto de Brasília.

Além de Bolsonaro, foram indicados outros 60 de seus apoiadores mais radicais, incluindo os generais Walter Braga Netto, Augusto Heleno, Luiz Eduardo Ramos, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, Marco Antônio Freire Gomes e o almirante Almir Garnier Santos.

Também na quarta-feira, o advogado-geral da União (AGU), Jorge Messias, determinou a abertura de procedimento para responsabilização cível por dano ao patrimônio público das 61 pessoas que tiveram pedidos de indiciamento no relatório da CPI.

O ministro recebeu o documento pela manhã das mãos de integrantes governistas do colegiado. À tarde, o parecer foi entregue à Polícia Federal. Messias determinou o encaminhamento

do documento à Procuradoria Nacional da União do Patrimônio Público e Probidade para que sejam adotadas providências necessárias ao ressarcimento pelos danos causados pelas 61 pessoas citadas no parecer. “Bem como as demais medidas judiciais e administrativas cabíveis”, complementou.

Ele afirmou que as duas unidades especializadas da Procuradoria Geral da União devem avaliar o relatório e as provas na tentativa de buscar o pleno ressarcimento dos cofres públicos.

O parecer da comissão, com 1.300 páginas, foi aprovado na semana passada por 20 votos a 11. O relatório diz que os ataques foram o ponto alto de uma conspiração para manter Bolsonaro no poder, derrubando Lula. “O dia 8 de janeiro foi uma tentativa intencional e premeditada de encenar um golpe de Estado”, aponta o documento. •

PROXIMIDADE Celulares de Frederico Wassef foram apreendidos em agosto, conteúdo foi copiado e agora a PF começou a analisar os dados, que deixaram a família do ex-presidente preocupada. O que terá?

MAIS ENCRENCA À VISTA

A PF já está analisando dados dos celulares de Frederico Wassef, advogado de Bolsonaro. Ele conseguiu a permissão no STF ao direito de acompanhar o processo. Outra notícia ruim: o FBI entrou no caso das joias dadas ao ex-presidente e sua mulher

A Polícia Federal anunciou na quarta-feira, 25, que começou a analisar os dados de celulares do advogado Frederico Wassef, que atuou na linha de defesa do ex-presidente Jair Bolsonaro e dos filhos e é considerado um fio desencapado no círculo mais próximo do bolsonarismo. Os peritos já tinham extraído o conteúdo dos aparelhos, ainda em agosto, mas só agora receberam autorização para trabalhar no material.

Wassef tinha um aparelho exclusivo para falar com o clã Bolsonaro, em especial, seus clientes: o senador Flávio Bolsonaro e o ex-presidente. Em agosto, ele teve quatro aparelhos apreendidos

pelos investigadores da PF, no inquérito que apura a venda de presentes dados ao então presidente da República e desviados para o patrimônio pessoal de Bolsonaro.

Wassef é advogado da família Bolsonaro e foi alvo de mandado de busca e apreensão em agosto, no âmbito da investigação sobre a venda de joias do governo brasileiro no exterior. Ele foi responsável pela operação de resgate de um dos relógios Rolex vendido ilegalmente em um esquema do ex-presidente envolvendo o seu e-ajudante de ordens, major Mauro Cid, e o pai dele, general Mauro César Cid. Ele pagou US\$ 50 mil, nos Estados Unidos, para recuperar o Rolex vendido irregularmente pelo major e seu pai.

O advogado conseguiu autorização do Supremo Tribunal Federal (STF) para acompanhar a extração e perícia dos dados. Ele recuperou dois aparelhos. Todo o material extraído - conversas, aplicativos e fotos - fica armazenado em um HD. Com isso, a análise é feita em cima da cópia dos dados. "É mais seguro trabalhar em cima da extração. Pela preservação e cadeia de custódia", explicou um perito da PF.

De acordo com a imprensa, o ex-presidente, Flávio e Fabrício Queiroz estariam em pânico com o que a PF pode encontrar nos aparelhos celulares. Um interlocutor próximo da família Bolsonaro revelou que eles estão preocupados com o conteúdo dos apa-



NA MIRA Ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro ganhou jóias em valores altos que não foram declaradas ao patrimônio da Presidência da República

relhos apreendidos pela PF, pois Wassef é tido como alguém “inconsequente” e que “não joga em grupo”.

O temor é que o advogado possa ter gravado conversas travadas com Bolsonaro, Flávio ou com Queiroz. O ex-PM, que trabalhou como assessor de Bolsonaro no Congresso, ficou escondido durante um ano na casa de Wassef. Outro medo é que ele possa ter grampeado autoridades do Judiciário e do Ministério Público.

A maior preocupação gira em torno da figura do senador Flávio Bolsonaro, pois o filho mais velho do ex-presidente Bolsonaro era muito próximo de Wassef, que fazia questão de divulgar sua proximidade com o filho ZeroUm de Bolsonaro.

Ainda em agosto, Wassef foi abordado por agentes da PF em uma churrascaria localizada dentro de um shopping na zona sul de São Paulo. Na ocasião, policiais que investigam a participação dele no escândalo de desvios e revenda de joias da União apreenderam os aparelhos e revistaram o veículo do advogado, que estava irregularmente estacionado em uma vaga para pessoas com defi-

ciência.

Outra má notícia para a família do ex-presidente veio dos Estados Unidos. O Departamento de Justiça americano, sediado em Washington, autorizou integralmente o pedido de colaboração policial internacional para investigar o esquema ilegal de venda de joias e relógios do acervo presidencial.

A documentação preparada pela Polícia Federal – e remetida aos EUA via Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional (DRCI), órgão do Ministério da Justiça – foi validada pelo governo americano. A entrada da PF dos EUA nas investigações pode revelar como foram adquiridos imóveis pela família Cid em Miami, na Flórida. A PF suspeita dos crimes de lavagem de dinheiro, ocultação de valores, apropriação indevida e falso testemunho.

Por meio da cooperação internacional, também foi autorizada a ida de equipe da PF brasileira para acompanhar as diligências solicitadas em território americano. O FBI pode abrir investigações contra os envolvidos no esquema. Agora, Bolsonaro e o major Mauro Cid e seu pai correm o risco

de ter de responder também em território americano por eventuais crimes.

O pedido de cooperação autorizado pelo DoJ prevê as quebras de sigilo bancário de várias contas de pessoas físicas e jurídicas – além do ex-presidente, Mauro Cid, general Mauro César Cid e outros; dos últimos anos até agora. Serão feitas ainda diligências em joalherias na Florida, Nova York e Pensilvânia, usadas no esquema de venda de jóias, e o levantamento de imóveis adquiridos naquele país. O FBI ainda vai tomar os depoimentos de testemunhas e de suspeitos de envolvimento no esquema.

Bolsonaro é suspeito de ter cometido crime de peculato e desvio das joias dadas como presentes por governos estrangeiros, enquanto ele ocupava a Presidência da República. Ele ganhou um conjunto de jóias da marca Chopard, contendo um colar de ouro branco com dezenas de pingentes, todos cravejados em diamantes.

A então primeira-dama Michelle Bolsonaro também ganhou um par de brincos, um anel e um relógio de pulso, todos feitos em ouro e pedras preciosas. O conjunto foi presente da Arábia Saudita ao governo brasileiro. Um outro conjunto, também com relógio, joias e abotoaduras em ouro, chegou ao Brasil com a mesma comitiva em 2021, mas não foi barrado.

Outro lote de joias foi dado ao governo brasileiro, um conjunto que continha um relógio Rolex, uma caneta da marca Chopard prateada; um par de abotoaduras em ouro branco, com um brilhante cravejado no centro; um anel em ouro branco com um diamante no centro e outros em forma de “baguette”. Ele também teria recebido uma masbaha (um tipo de rosário árabe), feito de ouro branco e com pingentes cravejados em brilhantes. Esse conjunto foi dado pelo governo árabe em 2019. •

TSE DEVE CONDENAR BOLSONARO

Corte retoma o julgamento do caso sobre atuação fora da lei de Bolsonaro no Dia da Independência em 2022. Corregedor eleitoral já culpou o ex-presidente por promover atos de campanha para sua reeleição durante a Semana da Pátria

O corregedor-geral da Justiça Eleitoral, ministro Benedito Gonçalves quer a condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) por abusos cometidos durante as cerimônias do Bicentenário da Independência, em 7 de setembro de 2022. Mas o magistrado votou para penalizar só Bolsonaro com a inelegibilidade. Braga Netto pode continuar a participar de eleições. O corregedor propôs ainda pena de multa de R\$ 425.640 a Bolsonaro e de R\$ 212.820 ao seu companheiro de chapa.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) retomou na quinta-feira o julgamento de três ações que analisam se Bolsonaro cometeu abuso de poder político e econômico nas comemorações do Sete de Setembro do ano passado. Indicado por Bolsonaro para uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Kassio Nunes Marques não votou. Ele está fora de Brasília para participar de um evento internacional e não votará. Em seu lugar, participará da sessão o ministro Dias Toffoli, que atua como substituto.

O julgamento começou ainda na terça-feira, com as alegações da acusação e da defesa e com o parecer do Ministério Público Eleitoral (MPE), que defendeu a condenação do ex-presidente. O ponto principal da discussão é se Bolsonaro realizou ou não uma junção proposital das comemorações oficiais do Bicentenário com seus atos de campanha.



CRIME ELEITORAL Bolsonaro usou a máquina pública para fazer comício durante as comemorações da Semana da Pátria no Rio de Janeiro e em Brasília

No feriado da Independência no ano passado, o então presidente assistiu ao desfile oficial na Esplanada dos Ministérios, e, logo em seguida, foi para um trio elétrico que estava a poucos metros de distância e realizou comício eleitoral. De tarde, Bolsonaro seguiu para o Rio de Janeiro e assistiu uma apresentação do Exército e da Aeronáutica na Praia de Copacabana. No mesmo local, fez novo discurso com teor de campanha.

Em junho passado, o ex-presidente foi declarado inelegível por oito anos pelo TSE, por abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação, devido a uma reunião com embaixadores na qual realizou ataques infundados ao sistema eleitoral.

As ações que estão sendo julgadas foram apresentadas no ano passado pelo PDT e pela campanha da então candidata a presidente do União Brasil, a senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS). O vice-procurador-geral eleitoral, Paulo Gonet, afirmou que Bolsonaro tentou expor uma "afinidade" com a Forças Armadas, que teriam sido colocadas dentro da disputa eleitoral.

"O quadro do Sete de Setembro de 2022 expunha à população a imagem dessa afinidade que a ordem jurídica quer evitar entre o agente político em campanha para a reeleição e as Forças Armadas", apontou o vice-procurador-geral. A lei impede o uso das Forças Armadas em embates eleitorais. •



DE OLHO NOS MILIONÁRIOS

Câmara aprova taxaço a super-ricos e empresas em paraísos fiscais. Proposta do governo Lula segue para o Senado. Guimarães comemora “vitória do povo”, e Gleisi diz que os muito ricos também têm que pagar imposto de renda, como todo mundo

Uma vitória importante para o país foi obtida na última quarta-feira, 25, quando a Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 4173/23, que coloca os milionários para pagar tributos, como a maioria dos assalariados. Por 323 votos contra 119, os deputados aprovaram a lei para a tributação dos investimentos offshore, o dinheiro aplicado fora do país em paraísos fiscais. Os super-ricos também serão taxados. É

um passo importante para reduzir as desigualdades no país.

Criado pelo governo Lula, o projeto antecipa a cobrança de Imposto de Renda de fundos exclusivos, dos chamados super-ricos, e passa a taxar aplicações em offshores – empresas que abrigam investimentos em paraísos fiscais. Foram 323 votos a favor, 119 contra e uma abstenção. O texto segue, agora, para apreciação do Senado. Se aprovada, a lei vai permitir ao país promover justiça tributária e reduzir desigualdades.

O aval dos deputados à pro-

posta é uma vitória do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que conta com essa arrecadação de impostos para tentar zerar o déficit das contas públicas. A previsão inicial de arrecadação em 2024 com a taxaço das offshores era de R\$ 7 bilhões e com a tributação dos fundos exclusivos, de R\$ 13 bilhões. A equipe econômica ainda não divulgou novas estimativas com base nas alterações do relator.

O projeto reflete o cumprimento da promessa de campanha de Lula de “incluir o pobre no or-

çamento e o rico no Imposto de Renda". A proposta também tem potencial de aumentar a arrecadação de impostos, o que permitiria ao governo ampliar os investimentos necessários ao fortalecimento da economia, à geração de empregos e ao aprimoramento das políticas públicas.

A presidenta do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), ressaltou que a proposta promove justiça, já que acaba com os privilégios tributários dos "super-ricos". "Ver a extrema-direita reclamando no plenário que é uma medida contra os ricos é de matar", criticou. "Taxação dos offshore vai ser para lucros acima de R\$ 50 mil por ano e dos fundo é para quem tem investimento acima de 10 milhões de reais". Ela lembrou que o povo paga imposto de renda e os muito ricos agora também têm que pagar. "O nome é justiça, só assim vamos reduzir as desigualdades", disse.

O líder do governo na Câmara, deputado José Guimarães (PT-CE), que coordenou a votação da proposta, disse que o projeto é um avanço importante para garantir justiça social para a população mais pobre. "É uma grande vitória do povo brasileiro", disse. "Estamos dando um passo gigantesco na reconstrução do Brasil".

Durante a sessão de votação na Câmara, Guimarães destacou que o projeto é essencial para assegurar o sucesso do regime fiscal sustentável, aprovado, neste ano, pelo Congresso. A taxaçoão está no conjunto de projetos negociados com Haddad para garantir estabilidade em 2024 e um orçamento compatível com a regra fiscal. Só assim o Brasil ganha capacidade de retomar o investimento público, manter os programas sociais e os recursos constitucionais para a saúde e a educação. •

BRASILEIROS APROVAM O DESENROLA BRASIL

Pesquisa da CNI aponta ainda que maioria dos endividados quer se beneficiar com o programa lançado por Lula. Segundo a Febraban, quase R\$ 16 bi em dívidas foram renegociados

A principal ação do governo Lula para ajudar o povo brasileiro a quitar suas dívidas, ficar com o nome limpo e ter o direito de voltar a consumir é vista com bons olhos pela grande maioria da população. De acordo com pesquisa encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), oito em cada dez brasileiros aprovam o programa Desenrola Brasil, lançado em julho deste ano pelo governo Lula.

De acordo com a Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), entre julho e setembro, foram renegociados quase R\$ 16 bilhões em dívidas por meio do Desenrola Brasil, exclusivamente pela Faixa 2, na qual os débitos bancários são ajustados diretamente com a instituição financeira, em condições especiais. Entre 17 de julho e 29 de setembro, o número de contratos de dívidas negociados alcançaram R\$ 2,22 milhões, beneficiando pelo menos 1,73 milhão de clientes bancários.

Os maiores índices de aprovação estão entre as mulheres – 83% delas aprovam o programa –, na população de 25 a 40 anos (85%) e nas pessoas com renda de 2 a 5 salários mínimos (85%). A pesquisa aponta, ainda, que a maioria dos endividados ou com nome negativado (63%) quer se beneficiar com o programa. Os

dados foram levantados pelo Instituto de Pesquisa de Reputação e Imagem (IPRI), da FSB Holding.

Para a realização do levantamento, que também apontou otimismo da maioria da população com relação ao futuro da economia, foram entrevistadas 2.004 pessoas entre 14 a 19 de setembro, em uma amostra com margem de erro de 2,2 pontos percentuais.

O presidente da Febraban, Isaac Sidney, destaca o sucesso do programa e o benefício às famílias brasileiras. "A cada semana, o programa Desenrola comprova ser instrumento importante na renegociação de dívidas bancárias, que beneficia as famílias brasileiras e, ao mesmo tempo, a economia brasileira como um todo, ao reduzir as dívidas da maior quantidade possível de pessoas", aponta.

Conforme a Febraban, as instituições financeiras colocaram no azul pelo menos 6 milhões de pessoas que tinham dívidas bancárias de até R\$ 100. A federação também afirma que, com o impacto do Desenrola, a perspectiva de endividamento, que crescia desde o início do ano, recuou três pontos de setembro a outubro (25% para 22%). Outro dado do levantamento é que a expectativa da população, de ficar menos endividada, subiu, passando de 38% para 41%. •

PESQUISA QUAEST TRAZ DADOS QUE DEMANDAM ATENÇÃO

Levantamento revela pequena queda na aprovação do governo. Viagens de Lula ao exterior são vistas como excessivas por parte dos brasileiros



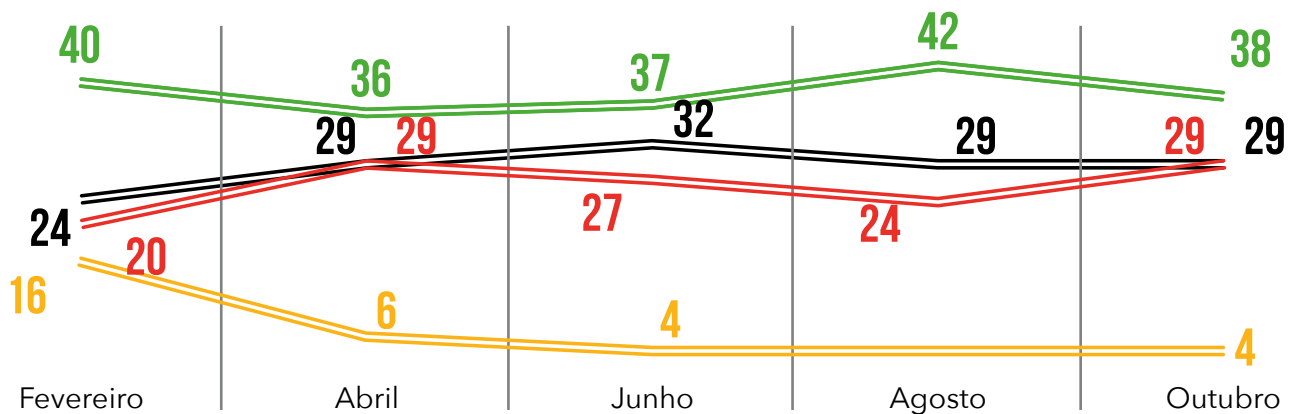
Matheus Tancredo Toledo ¹

A mais recente pesquisa Quaest, feita em parceria com o banco Genial, e divulgada em 25 de outubro, trouxe dados sobre a popularidade do governo Lula e a percepção dos brasileiros acerca da situação do Brasil. De acordo com o instituto, os números comparados ao levantamento anterior, de agosto, demonstram uma retração da popularidade do governo: houve variação dentro do limite da margem de erro, de 2,2 pontos percentuais (p.p.) para mais e para menos, na soma da avaliação de que o governo é ótimo/bom (de 42% em agosto para 38% em outubro), e acima da margem de erro na soma da avaliação de que o governo é ruim/péssimo (de 24% para 29%).

O número dos que aprovam o governo, em pergunta binária na qual só é possível aprovar ou desaprovar, soma 54% (eram 60%), enquanto são 42% os que desaprovam (eram 35%). Para melhor distinção dos índices expostos anteriormente e, para melhor entendimento, chamaremos a soma de avaliação ótimo/bom e ruim/péssimo de avaliação positiva e avaliação negativa, respectivamente, enquanto o índice binário será referido como aprovação e reprovação. No geral, os dados são referidos como os dados de popularidade do governo.

Olhando para a série de pesquisas realizadas pela Quaest, divulgadas ao longo desses 10 meses de 2023, é possível perceber que os patamares atuais de popularidade do governo Lula representam um retorno ao patamar percebido pelo instituto em dois levantamentos anteriores – os de abril e de junho deste ano. Considerando ambos, o governo

A AVALIAÇÃO DO GOVERNO LULA EM 2023, SEGUNDO O INSTITUTO QUAEST



POSITIVA

REGULAR

NEGATIVA

NS

Fonte: Quaest

Lula tinha avaliação positiva de 36% e 37%, respectivamente, e avaliação negativa de 29% e 27%, idem - conforme é possível verificar no Gráfico 1 abaixo, com a série histórica de pesquisas Quaest desde ano. Em relação aos índices de aprovação, eram 51% em abril e 56% em junho, enquanto a reprovação foi de 42% e 40%, em cada um.

A pesquisa, realizada com metodologia de coleta presencial, com duas mil entrevistas, aponta também que a redução de popularidade se deu com queda generalizada em todos os segmentos. Muito embora, o olhar amplo sobre a série histórica e esta constatação contemporize a queda imediata de popularidade, ressaltamos que alguns temas merecem discussão e certa atenção para pensar os desafios no próximo período.

Em artigos anteriores, ressaltamos que a opinião pública apresentava um quadro de possível distensionamento da polarização vista nas eleições de 2022. Este levantamento da Quaest aponta que é possível que tenha havido uma retomada do grau de oposição dos eleitores de Bolsonaro - a reprovação aumentou de 70% para 77% entre agosto e outubro, se aproxi-

mando do patamar visto em abril (de 81%), enquanto a avaliação negativa subiu de 51% para 60%, o exato número mensurado em abril deste ano. Entre os eleitores de Lula, também houve queda em relação a agosto e volta ao patamar anterior: a aprovação foi de 93% para 89%, sendo que em abril era de 88% e em junho 90%. A avaliação positiva caiu de 74% para 69% em relação ao mês passado, mesmo número das três primeiras pesquisas do ano (69% em fevereiro, 68% em abril e 69% em junho).

Do ponto de vista das percepções dos brasileiros e brasileiras acerca de temas mais conjunturais, no entanto, há alguns pontos para preocupação. Em relação a acontecimentos relevantes do período, foram 47% os que consideraram que a ajuda do Governo Federal ao Rio Grande do Sul foi insuficiente, 55% os que consideraram que a quantidade de viagens internacionais do presidente Lula é excessiva, e 60% os que apontam que Lula se dedica mais do que deveria à agenda internacional - 49% do total não veem bons resultados para o Brasil nas viagens. Por outro lado, 51% concordam com o veto ao Marco Temporal pelo presidente, 85% aprovam os es-

forços com países do Oriente Médio para repatriação dos brasileiros e a disponibilização de aviões para resgate.

Embora uma parte significativa dos dados indiquem retorno a um patamar anterior de percepção sobre assuntos econômicos (situação da economia brasileira e expectativa, por exemplo), outros indicam possíveis novas tendências: 57% dos brasileiros afirmam que os preços das contas subiram, e 43% indicam que os combustíveis aumentaram. São 47% os que têm expectativa de aumento da inflação (eram 39% em fevereiro e 35% em junho), e 40% os que creem em aumento do desemprego (eram 35% e 37%, respectivamente). Subiu de 26% para 33% desde fevereiro a expectativa de diminuição dos salários. Os números revelam desafios para o governo. É crucial que o governo Lula siga promovendo cada vez mais melhorias econômicas e demonstre claramente como sua agenda, especialmente a internacional, beneficia a população, a fim de ampliar e consolidar seu apoio popular. •

1 Analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe) da Fundação Perseu Abramo e doutorando em Ciência Política pela USP



Sérgio Silva/FPA

PALESTRA Tereza Campello, Valter Pomar e Fabiano Escher abordaram as políticas públicas adotadas nos dois países

CHINA E BRASIL EM DEBATE

Promovido pela Fundação Perseu Abramo, encontro sediado na Universidade Federal do ABC buscou traçar pontos em comum nas políticas construídas pelos dois países membros dos BRICS

Isaías Dalle

Enquanto a China mantém sua grande marcha rumo à liderança econômica do globo, mais encontros, livros, pesquisas e debates procuram desvendar esse quadro. Entre os dias 23 e 26 de outubro, uma série de palestras sediada na Universidade Federal do ABC, organizada pela Rede Brasil-China e com apoio de organizações como a Fundação Perseu Abramo, buscou traçar pontos de contato e oportunidades entre o gigante asiático e o Brasil.

Intitulada VI Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos da China (VI RBChina), a série de de-

bates incluiu duas mesas organizadas pela Perseu Abramo. A primeira, no dia 25, tratou do combate à fome, prioridades adotadas por Brasil e China nas duas últimas décadas. Com uma diferença nada desprezível entre os dois casos.

Na China, onde a política é comandada por um partido único, essa opção se manteve, a despeito de questões conjunturais. No Brasil, depois do golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff, a ideia foi abandonada, quando não abertamente hostilizada, para ser então retomada a partir de 2023, com o retorno de Lula à Presidência.

Os chineses têm alcançado a meta com grande sucesso. Se-

gundo o pesquisador e professor Fabiano Escher, do programa de pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a China, entre 2012 e 2022, tirou da linha da fome e da pobreza de 100 milhões de habitantes, tendo o país zerado os índices. Ao mesmo tempo, a dieta chinesa vem se diversificando, com a queda do consumo de grãos e aumento da ingestão de carnes e vegetais, movimento que se observa desde a década de 1980.

Na opinião de Escher, o principal motor chinês na superação da fome e da miséria foi o processo de modernização industrial do país e



DIFERENÇAS Durante o debate, especialistas compararam o modelo de desenvolvimento nos países e apontaram que a China fez seu próprio caminho

também a adoção de modelos híbridos no setor agrícola, em que a propriedade estatal da terra e, em menor escala, a propriedade familiar, convivem com concessões de uso para grupos privados, em parceria com o Estado.

No Brasil, segundo a professora Tereza Campello, atual diretora Socioambiental do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e ex-ministra de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2011 a maio de 2016), o Brasil conquistou uma queda de 73% da pobreza, entre 2003 e 2015, em função de políticas públicas que combinaram o acesso a bens que, ao chegarem aos mais pobres, tornaram-se mais do que simples consumo.

“Pergunte a uma mãe que nunca havia tido uma geladeira e conseguiu comprar uma”, propôs ela. “Não era só um bem, era uma oportunidade de organizar a alimentação de seus filhos”, disse. Outro exemplo dado por Tereza Campello é a chegada de água potável a localidades antes desatendidas: “Dizem que água é um bem de consumo. Mas para a pequena agricultura familiar, é um meio de produção”.

No dia 26, a segunda mesa organizada pela Fundação Perseu

Abramo tratou das relações políticas entre partidos brasileiros e o Partido Comunista da China. Natália Sena, integrante da Executiva Nacional do PT, e José Reinaldo, do Comitê Central do PCdoB e do Centro Brasileiro de Solidariedade Aos Povos e Luta Pela Paz (Cebrapaz), traçaram um panorama histórico das relações entre esses dois partidos e o PC chinês. O painel apresentado por Reinaldo teve início nos anos 1950, quando os comunistas brasileiros se dividiram em relação a qual modelo comunista seguir, o soviético ou o chinês. Naquele período histórico, o PCdoB aproximou-se da experiência chinesa.

Natália, por intermédio de um resgate de encontros do PT com lideranças do PC da China desde os anos 1980, e também de resoluções do partido brasileiro, destacou que a relação com o partido chinês é, em suma, o meio de se relacionar com o próprio Estado daquele país. Com a experiência de ter visitado a China, a dirigente petista, que também é mestrandia na UFABC, sublinhou que o Partido Comunista tem uma relação com seus filiados diferente daquela que se imagina.

A filiação não é compulsória ou automática. Segundo Natália,

os candidatos a filiação passam por um período de aprendizado de dois anos, antes de ser aceitos. “Não basta um clique numa ficha eletrônica”, disse ela. “Eles têm 97 milhões de filiados. O PT, para ter a mesma taxa de filiação na proporção com a população brasileira, teria de crescer 15 vezes”, completou.

Ao final das exposições, abertas as inscrições para perguntas da plateia, composta em grande parte por estudantes, uma dúvida recorrente dizia respeito ao modo como o Brasil deve se relacionar com a China sem que aquele país assumira uma posição imperialista, hoje ocupada pelos Estados Unidos.

Valter Pomar, professor da UFABC, diretor da Fundação Perseu Abramo e mediador da mesa, respondeu: “A gente tem de aprender com a China, que promoveu uma abertura, mantém relações com o mundo, não tem medo de aprender, mas, ao mesmo tempo, conta com as próprias forças. Tem projeto nacional e tem projeto mundial. A gente tem de fazer a mesma coisa. O Brasil pode liderar a conversão da América Latina e do Caribe num dos polos tecnológicos e industriais do mundo”. E curiosamente, dada a situação geopolítica da região, resolvido o ‘pequeno’ problema dos Estados Unidos, a gente tem condições de exercer essa condição de polo em melhores condições geopolíticas que a China. Vamos lembrar o que é o entorno da China, os conflitos brutais que têm lá, e vamos pensar também o quanto a gente tem de potencial. As pessoas gostam de falar no passado milenar da China, mas, isso não é apenas um ponto positivo. É também um peso. Então, nós temos que ter esse horizonte de converter a região e o Brasil em um polo industrial e tecnológico, e para isso temos que resolver os nossos problemas internos”. •

UMA PARCERIA ESTRATÉGICA

A aproximação entre Brasil e China extrapola interesses econômicos. O objetivo é a construção de uma nova ordem mundial distinta, com respeito e colaboração contínua para a prosperidade de todos

Zeca Dirceu

O estreitamento das relações entre Brasil e China vai a todo vapor. O aprofundamento da parceria estratégica é resultado da



visita do presidente Lula a Pequim, no primeiro semestre. A perspectiva é de incremento das exportações brasileiras e de investimentos chineses em projetos de infraestrutura no país, num novo marco de cooperação que abrange áreas distintas como a econômica, comercial, cooperação científica e cultural.

Na recente visita a Pequim, com um grupo parlamentar brasileiro, pude abordar as potencialidades das exportações do Brasil com diferentes autoridades, inclusive o presidente chinês, Xi Jinping. As conversas foram produtivas, deixaram evidente o quanto que o Brasil é reconhecido como parceiro estratégico para a China. Reforçamos o convite para que Xi Jinping venha ao Brasil ano que vem, para a cúpula do G20, e ele sinalizou positivamente.

Os números, por si só, são reveladores. Em 2022, a China importou mais de US\$ 89,7 bilhões em produtos brasileiros, especialmente soja e minérios, e exportou quase US\$ 60,7 bilhões para o mercado nacional. O volume comercializado, US\$ 150,4 bilhões, cresceu 21 vezes desde a primeira visita de Lula ao país, em 2004. Nesse último ano, a China foi

responsável por praticamente metade do nosso superávit comercial. O país já é o principal parceiro comercial do Brasil e de toda a América do Sul.

Na viagem à China, Lula retomou o diálogo com Pequim depois de quatro anos de omissões e desprezo do governo

militarista passado. Lula e Xi Jinping assinaram mais de 15 acordos bilaterais – fora os acertados entre empresas dos dois países – principalmente nas áreas de desenvolvimento de tecnologias, intercâmbio de conteúdos de comunicação e ampliação das relações comerciais. As áreas de interesse abrangem saúde, aviação, mineração, finanças, petróleo, energias renováveis, indústria automotiva, agronegócio, linhas de crédito verde, tecnologia da informação e infraestrutura.

Num mundo conturbado, é necessário destacar que a aproximação Brasil/China extrapola os interesses econômicos e comerciais. Avança-se, antes de mais nada, na parceria para a conformação de uma ordem mundial multipolar, multilateral e simétrica. Essa nova ordem, debatida ao longo de décadas pelos países em desenvolvimento, é o caminho para solucionar graves problemas do planeta, como o aquecimento global, a fome, a degradação ambiental, a pobreza, as desigualdades e as guerras.

Entretanto, a despeito das cifras econômicas e comerciais, das parcerias e da plena sintonia em torno de uma pauta global, baseada na

paz, entendimento e cooperação entre os povos, há ainda críticas infundadas de setores oligárquicos e reacionários à aproximação com a China. Há uma espécie de demonização sem nenhum sentido.

A China não colonizou nenhum país, portanto, não tem responsabilidade histórica por inúmeros problemas mundo afora. Pelo contrário, tem atuado para criar uma nova ordem sem as mazelas do neocolonialismo, em outras bases de cooperação. Não tem interesses imperialistas, não tem bases militares fora de seu território. Não há, assim, motivos para hostilidades, nem do Brasil, nem de outros países do Sul Global.

O interesse brasileiro é que move as relações com a China, tanto do ponto de vista econômico e comercial como também na aliança diplomática para a consecução de uma nova ordem mundial que suceda a conturbada situação atual, em que o aspecto mais visível é o enfraquecimento das instituições multilaterais sob a égide da Organização das Nações Unidas.

Como diz o presidente Lula, países em desenvolvimento devem se unir para, juntos e de forma soberana, alcançarem seus objetivos comuns, como o combate à pobreza e à fome e o aumento da renda e da qualidade de vida de suas populações. Podemos avançar. É nesse cenário que podemos celebrar os 50 anos de retamento de relações diplomáticas Brasil/China, com amizade e aproximação econômica e cultural. •

*Deputado federal pelo Paraná e líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados



Mohammed Salem/Reuters

OUTRO BOMBARDEIO Enquanto ameaça com invasão terrestre em Gaza, Netanyahu ordenou às Forças de Defesa de Israel que lançasse outro ataque feroz às duas regiões palestinas, ao sul de Israel e à Cisjordânia

COMO SERÁ O AMANHÃ?

Há uma crescente preocupação de que a crise no Oriente Médio pode descambar para um cenário de caos se Israel invadir Gaza. Mas já há quem tema pela ausência de um plano para lidar com os palestinos no 'pós-guerra'. O que virá?

Na última semana, em meio às expectativas de um cessar-fogo para permitir novos comboios humanitários em Gaza, o governo de Benjamin Netanyahu pareceu indiferente aos apelos. Na quinta-feira, Israel voltou a bombardear a Faixa de Gaza, enquanto a Rússia alertava que o conflito poderia se espalhar para além do Oriente Médio. Mas o pior é que o premiê confirmou que que prepa-

ra uma invasão. Outro problema: quem faz a negociação sobre os reféns capturados pelo Hamas? A questão mais intrigante, contudo é outra: Israel tem algum plano para lidar com o que sobrar de Gaza passada a tormenta?

Netanyahu anunciou mais uma vez que Israel está "se preparando para uma incursão terrestre" em Gaza, mas disse que "não especificará" quando ou como a incursão aconteceria. "O público não precisa estar ciente de mui-

tos detalhes", disse. "E é assim que deve ser". Numa conversa telefônica com Netanyahu, o presidente Joe Biden destacou, ainda na quarta, a importância de "um caminho para uma paz permanente entre israelitas e palestinos" após a crise. Mas, ao mesmo tempo, reiterou o seu apoio ao direito de Israel de se defender.

As pistas sobre a ausência de um plano para lidar com a crise depois dos ataques e como lidar com o cenário que surgirá

de um eventual ofensiva contra Gaza, estão na mídia internacional. O *Financial Times* destacou que Israel ainda não concordou com um plano detalhado para Gaza no pós-guerra. E ressaltou que há um crescente temor dentro do governo em Telavive e na Casa Branca de que uma invasão por terra contra o Hamas pode ser iniciada sem sequer uma preparação adequada para administrar as consequências do desastre que resultará disso.

“Não há plano para o ‘day after’. O sistema [israelense] ainda não decidiu”, disse uma pessoa familiarizada com o pensamento israelense. “Os americanos enlouqueceram quando perceberam que não havia plano”.

“Várias pessoas familiarizadas com as deliberações descrevem Israel embarcando em um esforço extenso e contínuo, envolvendo vários órgãos militares israelenses e analistas externos, para desenvolver uma estratégia para Gaza após a esperada ofensiva terrestre de Israel”, escreveram Neri Zilber e Felicia Schwartz, na edição de quarta-feira, 25, do *Financial Times*.

Então, se não está clara a estratégia de saída de Israel e os objetivos do pós-guerra, como será o amanhã? Os EUA levantaram diretamente suas preocupações com o governo de Bibi, de acordo com fontes próximas ao processo de negociações. Biden esteve em Telavive na primeira semana após o ataque de 7 de outubro. A falta de um plano de saída é um fator nos atrasos na operação terrestre de Gaza que há muito tempo vem sendo repetidas como ameaças pelo governo de direita israelense.

No que foi descrito como conversas de sondagem com autoridades israelenses, as autoridades dos EUA encorajaram seus colegas a pensar em como alcançar seus objetivos militares caso os planos

Christopher Ena/AFP



TUDO OU NADA Netanyahu voltou a ameaçar com invasão por terra, mas o pior é a constatação de que Israel ainda não se preparou para o 'day after'

originais falhem, e a imaginar o dia seguinte. “Estamos interessados em ver ramos e sequências”, disse um funcionário dos EUA, usando a terminologia militar americana referindo-se a diferentes planos de batalha e cenários pós-invasão.

Enquanto isso, crescem as críticas feitas na imprensa internacional, inclusive e sobretudo a israelense, por conta das posições de

Netanyahu. Na quarta, o jornalista Uri Misgav, articulista do jornal Haaretz, criticou o premiê e pediu que ele renuncie ao cargo para que outras forças políticas possam operar e construir um ambiente de diálogo.

“Dizem-nos cnicamente: quem falhou fará os reparos. O capitão não deve ser substituído”, escreveu Misgav. “É como dizer que depois do desastre do Titanic em que o capitão sobreviveu, eles deveriam ter lhe dado outro navio. A vida de uma nação não é o curso de sobrevivência pessoal de um primeiro-ministro”.

O ataque do Hamas em 7 de outubro ao sul de Israel matou mais de 1.400 pessoas, a grande maioria civis, de acordo com as autoridades israelenses. E mais de 200 pessoas ainda são reféns dentro de Gaza, incluindo mulheres, crianças e idosos. Israel imediatamente declarou guerra ao Hamas, prometendo “esmagar” o grupo militante islâmico.

Desde que Israel retaliou com ataques aéreos, pelo menos 5.791 pessoas foram mortas em Gaza, de acordo com autoridades de saúde palestinas. ONGs que atuam na região alertaram para o desastre humanitário iminente

>>>

NA IMPRENSA ISRAELENSE, MUITAS CRÍTICAS: “A VIDA DE UMA NAÇÃO NÃO É O CURSO DE SOBREVIVÊNCIA DO PRIMEIRO- MINISTRO”

“ISRAEL TRAVA GUERRA DE VINGANÇA”

O ministro das Relações Exteriores da Autoridade Palestina, Riyad al-Maliki, denunciou Israel, acusando o governo de Benjamin Netanyahu de travar uma “guerra de vingança” contra Gaza com o objetivo de sua destruição total. A declaração foi dada em Haia, na quinta-feira, 26, enquanto tropas israelenses bombardeavam o enclave palestino em resposta aos devastadores ataques de 7 de outubro a Israel feitos pelo Hamas.

O Ministério da Saúde da Palestina anunciou que o número de mortos em Gaza subiu para mais de 7 mil pessoas, incluindo quase 3 mil crianças. O exército israelense afirma ter conduzido um ataque terrestre noturno dentro de Gaza visando posições do Hamas usando tanques.

Israel disse que suas forças terrestres invadiram Gaza durante a noite de quinta-feira para atacar alvos do Hamas. O primeiro-mi-



Abdel Zagout/Anadolu

TRAGÉDIA Já chega a 3 mil o número de crianças mortas na Faixa de Gaza

nistro israelense disse que estava “se preparando para uma invasão terrestre” que poderia ser a primeira de várias incursões em Gaza, onde vivem aproximadamente 2,2 milhões de pessoas.

O tom do ministro de Relações Exteriores era de indigna-

ção. “Muitas guerras ocorreram (em Gaza), mas isto é diferente. Desta vez é uma guerra de vingança”, disse al-Maliki. “Esta guerra não tem nenhum objetivo real, mas a destruição total de todos os lugares habitáveis em Gaza. Esta guerra não é dirigida

>>>

**OBAMA: OS LÍDERES
PALESTINOS
QUE ESTAVAM
DISPOSTOS A FAZER
CONCESSÕES
RECÍPROCAS
TIVERAM POUCO A
MOSTRAR POR SEUS
ESFORÇOS**

devido ao bloqueio israelense em andamento que reduziu severamente o fornecimento de alimentos, água, remédios e combustível.

Qualquer plano para o enclave palestino teria como objetivo estabelecer quem deve controlar e sustentar Gaza no “dia seguinte”, se Israel alcançar seu suposto objetivo de guerra de destruir o Hamas como uma força militar e governamental. O grupo governa Gaza desde que expulsou a Autoridade Palestina, em 2007, que era mais moderada e apoiada pelo Ocidente.

Na quinta-feira, 25, o ex-presidente Barack Obama escreveu um artigo na plataforma Medium fazendo algumas considerações sobre a crise. Ele praticamente repetiu os argumentos usados pelo presidente Biden – sobre a ne-

cessidade de Israel se defender de ataques, que a América apoia o país desde sua criação. Mas Obama saiu um pouco do discurso de sempre.

“Os palestinos também viveram em territórios disputados por gerações; muitos deles não foram apenas deslocados quando Israel foi formado, mas continuam a ser deslocados à força por um movimento de colonos que muitas vezes recebeu apoio tácito ou explícito do governo israelense”, destacou. E reconheceu: “os líderes palestinos que estavam dispostos a fazer concessões para uma solução de dois Estados muitas vezes tiveram pouco a mostrar por seus esforços”.

Vale lembrar que a oposição a Netanyahu só concordou em integrar o governo de união nacio-

>>>

por planos militares, não há normas respeitadas. Todas as regras internacionais de guerra estão sendo violadas”.

Gaza não consegue se recuperar de quase três semanas de bombardeamento israelense, desencadeado por uma onda de assassinatos em massa no sul de Israel por militantes do Hamas, que governa Gaza há mais de 15 anos. Cerca de 200 mil habitações foram total ou parcialmente destruídas em Gaza, segundo as autoridades palestianas.

Os ataques a Gaza ultrapassaram há muito o limiar da auto-defesa e se transformaram em “opressão, brutalidade, massacre e barbárie”, criticou o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdoğan. Centenas de iraquianos que protestam contra os ataques de Israel a Gaza bloquearam a passagem de caminhões-tanques para a Jordânia, afirmando que não permitirão que o petróleo iraquiano seja exportado para países que têm acordos de paz com Israel. •

PROTESTOS PELA PAZ

A crise humanitária em Gaza desencadeou no último final de semana manifestações públicas pró-palestinos em diversas cidades pelo mundo. No Brasil, manifestantes fizeram um ato pró-Palestina e outro ato pró-Israel na Avenida Paulista.

O protesto pró-Palestina ficou concentrado na altura da Praça Oswaldo Cruz, região Centro-Sul de São Paulo. Os participantes do ato muitos deles palestinos ou descendentes, carregavam bandeiras e faixas com os dizeres “Palestina livre” e “Palestina Resiste”.

O ato pró-Israel se concentrou em frente à Fiesp. “Este é um ato de solidariedade, organizado pelos evangélicos, não só pela solidariedade a todas as vítimas que perderam a vida pelos atos terroristas do Hamas, mas é um ato de apoio a Israel e contra o terrorismo”, disse Da-

niel Bialski, vice-presidente da Confederação Israelita do Brasil (Conib). “A guerra de Israel não é com o povo palestino, é contra os terroristas não só do Hamas, mas dos demais grupos”.

Uma das maiores manifestações pelo mundo ocorreram em Londres, no Reino Unido, onde cerca de 100 mil pessoas participaram de uma manifestação na região central da cidade.

A polícia alertou que qualquer manifestação de apoio ao Hamas, uma organização considerada “terrorista” pelo governo britânico será presa.

Houve também protestos em Chicago e Nova York (EUA). Atos ocorreram ainda em Bucareste (Romênia), Bangkok (Tailândia), Sydney, (Austrália), Christchurch (Nova Zelândia), Carachi (Paquistão), Pristina (Kosovo), Pretória (África do Sul), Jacarta (Indonésia) e Lisboa (Portugal). •

nal e emergência se houvesse um plano claro de como os militares de Israel deixarão a Faixa de Gaza. E mais: qual regime governante substituirá o Hamas. A preocupação é legítima, tendo em vista que Israel sempre buscou enfraquecer Autoridade Palestina.

Um tema recorrente nas propostas é evitar uma reocupação israelense aberta de Gaza, uma estreita faixa costeira que abriga 2,2 milhões de pessoas. Israel se retirou do enclave em 2005. Outra preocupação é a necessidade de fortalecer a AP, que pode ser chamada a reafirmar o controle em Gaza, embora seja considerada uma instituição fraca que carece de credibilidade entre os palestinos. Uma posição que Netanyahu fez questão de enfraquecer nos últimos 20 anos.

Qualquer movimento provavelmente vai exigir mudanças no atacado da política de Israel sobre a Cisjordânia ocupada, onde a AP está baseada, incluindo a expansão dos assentamentos, que vêm sendo construídos e incentivados por Israel desde o início dos anos 2000. A coalizão de extrema-direita de Netanyahu tem sido firmemente contra a redução dos assentamentos na Cisjordânia.

Um terceiro elemento no planejamento é o potencial para os estados árabes, incluindo o Egito e a Arábia Saudita, desempenharem um papel direto, incluindo possível apoio financeiro e de manutenção da paz em Gaza. A conta salgada para refazer e reconstruir aquele pedaço de chão transformada em ruas de pedras e destroços terá de ser paga por alguém.

Falando à emissora estadunidense CBS no domingo, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse que Israel tinha o direito de se defender e que o “status quo” em Gaza antes da guerra não poderia retornar. “Existem ideias diferentes por aí sobre o que poderia seguir. É algo que precisa ser trabalhado mesmo quando Israel está lidando com a ameaça atual”, acrescentou Blinken.

Uma segunda pessoa familiarizada com as discussões israelenses observou o quão importante era o curso da guerra para qualquer plano do pós-guerra, e vice-versa. “Há uma conexão direta entre a gestão da guerra e a ‘manhã seguinte’. É para informar a operação militar. No momento, isso tudo está desconectado”. •



MEUS PENSAMENTOS SOBRE ISRAEL E GAZA

O mundo está observando enquanto eventos na região do Oriente Médio se desenrolam. Qualquer estratégia militar israelense que ignore os custos humanos pode acabar piorando a situação

Barack Obama

Já se passaram 17 dias desde que o Hamas lançou seu terrível ataque contra Israel, matando mais de 1.400 cidadãos israelenses, incluindo mulheres, crianças e ido-

sos indefesos. No rescaldo de tal brutalidade indescritível, o governo dos EUA e o povo americano compartilharam a dor das famílias, oraram pelo retorno de entes queridos e declararam corretamente solida-

riedade com o povo israelense.

Como afirmei em um post anterior, Israel tem o direito de defender seus cidadãos contra essa violência desenfreada, e apoio totalmente o apelo do presidente Biden para que os

Estados Unidos apoiem nosso aliado de longa data em ir atrás do Hamas, dismantelar suas capacidades militares e facilitar o retorno seguro de centenas de reféns para suas famílias.

Mas mesmo que apoiemos Israel, também devemos deixar claro que a forma como Israel processa essa luta contra o Hamas é importante. Em particular, é importante – como o presidente Biden enfatizou repetidamente – que a estratégia militar de Israel cumpra o direito internacional, incluindo as leis que buscam evitar, na medida do possível, a morte ou o sofrimento das populações civis. Defender esses valores é importante por si só – porque é moralmente justo e reflete nossa crença no valor inerente de cada vida humana. Defender esses valores também é vital para construir alianças e moldar a opinião internacional – todos críticos para a segurança a longo prazo de Israel.

Esta é uma tarefa extremamente difícil. A guerra é sempre trágica, e até mesmo as operações militares mais cuidadosamente planejadas muitas vezes colocam os civis em risco. Como o presidente Biden observou durante sua recente visita a Israel, a própria América às vezes ficou aquém de nossos valores mais altos quando envolvida na guerra e, no rescaldo do 11 de setembro, o governo dos EUA não estava interessado em seguir o conselho nem mesmo de nossos aliados quando se tratava das medidas que tomamos para nos proteger contra a Al Qaeda. Agora, após o massacre sistemático de cidadãos israelenses, um massacre que evoca algumas das memórias mais sombrias de perseguição contra o povo judeu, é compreensível que muitos israelenses tenham exigido que seu gover-

no faça o que for preciso para erradicar o Hamas e garantir que tais ataques nunca aconteçam novamente. Além disso, as operações militares do Hamas estão profundamente enraizadas em Gaza – e sua liderança parece se esconder intencionalmente entre os civis, colocando em risco as próprias pessoas que eles afirmam representar.

Ainda assim, o mundo está observando de perto enquanto os eventos na região se desenrolam, e qualquer estratégia

OBAMA: OS LÍDERES PALESTINOS QUE ESTAVAM DISPOSTOS A FAZER CONCESSÕES RECÍPROCAS TIVERAM POUCO A MOSTRAR POR SEUS ESFORÇOS

militar israelense que ignore os custos humanos pode acabar saindo pela culatra. Milhares de palestinos já foram mortos no bombardeio de Gaza, muitos deles crianças. Centenas de milhares foram forçados a sair de suas casas. A decisão do governo israelense de cortar comida, água e eletricidade para uma população civil cativa ameaça não apenas piorar uma crescente crise humanitária; pode endurecer ainda mais as atitudes palestinas por gerações,

corroer o apoio global a Israel, jogar nas mãos dos inimigos de Israel e minar os esforços de longo prazo para alcançar a paz e a estabilidade na região.

Portanto, é importante que aqueles de nós que apoiam Israel em seu momento de necessidade incentivem uma estratégia que possa incapacitar o Hamas enquanto minimiza mais vítimas civis. A recente mudança de Israel para permitir que caminhões de socorro entrem em Gaza, motivada em parte pela diplomacia dos bastidores do governo Biden, é um passo encorajador, mas precisamos continuar a liderar a comunidade internacional na aceleração da ajuda crítica e dos suprimentos para uma população cada vez mais desesperada de Gaza. Embora as perspectivas de paz futura possam parecer mais distantes do que nunca, devemos pedir a todos os principais atores da região que se envolvam com os líderes e organizações palestinos que reconhecem o direito de Israel de existir para começar a articular um caminho viável para os palestinos alcançarem suas legítimas aspirações de autodeterminação – porque essa é a melhor e talvez a única maneira de alcançar a paz e a segurança duradouras que a maioria das famílias israelenses e palestinas anseiam.

Finalmente, ao lidar com o que é uma situação extraordinariamente complexa em que tantas pessoas estão com dor e as paixões estão compreensivelmente altas, todos nós precisamos fazer o nosso melhor para colocar nossos melhores valores, em vez de nossos piores medos, em exibição.

Isso significa se opor ativamente ao antissemitismo em todas as suas formas, em todos os lugares. Significa rejeitar os esforços para minimizar a terrível



tragédia que o povo israelense acabou de suportar, bem como a sugestão moralmente falida de que qualquer causa pode de alguma forma justificar o massacre deliberado de pessoas inocentes.

Significa rejeitar o sentimento anti-muçulmano, anti-árabe ou anti-palestino. Significa se recusar a colocar todos os palestinos no Hamas ou em outros grupos terroristas. Significa proteger contra a linguagem desumanizante em relação ao povo de Gaza, ou minimizar o sofrimento palestino – seja em Gaza ou na Cisjordânia – como irrelevante ou ilegítimo.

Significa reconhecer que Israel tem todo o direito de existir; que o povo judeu tem direito a uma pátria segura onde tem raízes históricas antigas; e que houve casos em que governos israelenses anteriores fizeram esforços significativos para resolver a disputa e fornecer

um caminho para uma solução de dois estados - esforços que acabaram sendo rejeitados pelo outro lado.

Isso significa reconhecer que os palestinos também viveram em territórios disputados por gerações; que muitos deles não foram apenas deslocados quando Israel foi formado, mas continuam a ser deslocados à força por um movimento de colonos que muitas vezes recebeu apoio tácito ou explícito do governo israelense; que os líderes palestinos que estavam dispostos a fazer concessões para uma solução de dois estados muitas vezes tiveram pouco a mostrar por seus esforços; e que é possível que pessoas de boa vontade defendam os direitos palestinos e se oponham a certas políticas do governo israelense na Cisjordânia e em Gaza sem serem antissemitas.

Talvez, acima de tudo, isso signifique que devemos esco-

lher não assumir sempre o pior naqueles com quem discordamos. Em uma era de constante rancor, raiva e desinformação nas mídias sociais, em um momento em que tantos políticos e buscadores de atenção veem uma vantagem em derramar calor em vez de luz, pode ser irrealista esperar um diálogo respeitoso sobre qualquer questão - muito menos sobre uma questão com apostas tão altas e depois que tanto sangue foi derramado. Mas se nos preocupamos em manter aberta a possibilidade de paz, segurança e dignidade para as gerações futuras de crianças israelenses e palestinas – bem como para nossos próprios filhos – então cabe a todos nós pelo menos fazer o esforço de modelar, em nossas próprias palavras e ações, o tipo de mundo que queremos que eles herdem. •

Este texto foi publicado originalmente na plataforma *Medium*, em 26 de outubro.



RADICAL Mike Johnson assume a Câmara com uma agenda ultraconservadora, de perfil pentecostal, que além de abraçar todas as teses do trumpismo, ainda mostra todos os preconceitos contra o aborto e a comunidade LGBTQI+

GUINADA À DIREITA RADICAL

Republicanos escolhem um dos expoentes da ultradireita dos Estados Unidos para assumir a liderança dos deputados. Mike Johnson foi fundamental nos esforços do Congresso para anular as eleições de 2020 e se opõe ao aborto e ao casamento gay

A ultradireita conservadora e evangélica do Partido Republicano está se tornando hegemônica na legenda que deve confirmar o empresário e ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump para a disputa presidencial em 2024. Os republicanos escolheram o deputado Mike Johnson, da Louisiana, para comandar a Câmara dos Deputados. Ele é considerado um extremista de posições radiais quanto

aos costumes. Além disso, ele votou contra a certificação da vitória de Joe Biden nas eleições presidenciais de 2020.

Johnson é o cristão evangélico que conquistou o cargo de porta-voz na quarta-feira, 25, com o apoio unânime dos republicanos da Câmara. Ele já se manifestou veementemente contra a homossexualidade, chamando-a de “inerentemente antinatural” e de “estilo de vida perigoso” e ligando-a à bestialidade, de acordo com artigos descobertos na

quarta-feira pela CNN. “Os especialistas projectam que o casamento homossexual é o sombrio prenúncio do caos e da anarquia sexual que poderá condenar até mesmo a república mais forte”, escreveu em 2004.

Em uma audiência ocorrida na Comissão de Justiça, o deputado partiu para cima de uma médica, Yashica Robinson, membro do conselho de Médicos de Saúde Reprodutiva, para tratar de uma questão que mexe com os ânimos dos eleitores nos Es-

tados Unidos. “Você apoia o direito de uma mulher que está a poucos segundos de dar à luz uma criança saudável fazer um aborto?”, questionou. A médica respondeu que essa situação nunca ocorrera em seu consultório. Mas ele não se fez de rogado: “Mas isso acontece. E se uma criança estiver na metade do canal da hora do parto? Um aborto é permitido então?”

Tais opiniões divergem fortemente daquelas da maioria dos americanos, de acordo com pesquisas de opinião que revelaram que o público apoia amplamente os direitos dos homossexuais. A ascensão abrupta de Johnson ao cargo de principal líder da Câmara na última semana, ocorreu durante uma “deprimida e dividida conferência republicana” – segundo observações do New York Times. A guinada à direita do Partido Republicano, que abandonou o seu antecessor mais tradicional, o deputado Kevin McCarthy, da Califórnia, parece preocupante.

“Se você não acha que passar de Kevin McCarthy para MAGA [“Make America Great Again”, o slogan de Trump nas eleições – “Fazer a América grande novamente”] Mike Johnson mostra a ascensão deste movimento e onde realmente reside o poder do Partido Republicano, então você não está prestando atenção”, disse o deputado Matt Gaetz, republicano da Flórida que arquitetou a queda de McCarthy, em uma entrevista ao podcast “War Room”, produzido por Steve Bannon, o ex-guru do presidente dos EUA que é também é próximo da família do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Eleito para o Congresso em 2016, Johnson, advogado e ex-presidente do conservador Comitê Republicano de Estudos, nunca liderou uma comissão poderosa no Congresso ou ser-

viu no nível mais alto da liderança da Câmara.

Os democratas atacaram imediatamente o papel fundamental que ele desempenhou nos esforços do Congresso para anular as eleições de 2020. Johnson foi um apoiador leal de Trump e continuou a utilizar um podcast que apresenta com a sua esposa, uma conselheira pastoral licenciada, para protestar contra a acusação de que o ex-presidente conspirou para interferir nas eleições de 2020.

Mas ainda mais do que o seu negacionismo eleitoral, a carreira política do Sr. Johnson foi definida pelas suas posições políticas, pautadas e moldadas pela agenda ultra-conservadora evangélica. “Não acredito que haja coincidências”, disse em seu primeiro discurso no plenário da Câmara como presidente. “Acredito que Deus ordenou e permitiu que cada um de nós fosse trazido aqui para este momento específico. Neste momento. Esta é a minha crença”.

Filho de um bombeiro e o primeiro de sua família a se formar na faculdade, Johnson tinha 12 anos quando seu pai foi queimado e ficou incapacitado no cumprimento do dever. “Tudo que eu sempre quis ser quando crescesse era chefe do corpo de bombeiros em Shreveport”, disse. Mas a explosão que feriu seu pai “mudou as nossas trajetórias”.

Para mostrar apoio à caracatese da igualdade racial, Johnson disse ao público no passado que ele e sua esposa haviam adotado um adolescente negro que conheceram por meio de um grupo de jovens evangélicos – como no filme “The Blind Side”. Mas, brincou: “sem as perspectivas da NFL”. •

ADVOGADA DE TRUMP SE DECLARA CULPADA

A situação jurídica de Donald Trump continua a se deteriorar, enquanto crescem as expectativas no caso que o ex-presidente enfrenta acusado de conspirar contra a democracia e a vitória eleitoral de Joe Biden em 2020. A advogada Jenna Ellis, que atuou na campanha presidencial de Donald em 2020, fez um acordo e se declarou culpada.

“Se eu soubesse então o que sei agora, teria me recusado a representar Donald Trump”, disse Ellis, enquanto lia em lágrimas uma declaração ao tribunal na manhã de terça-feira, 14. Ela chegou a um acordo com os promotores da Geórgia, tornando-se a quarta co-ré no caso de conspiração envolvendo o ex-presidente, que tenta voltar à Casa Branca em 2024.

Foi uma reviravolta dramática para a advogada de 38 anos que há muito tempo era uma proeminente defensora pública do ex-presidente, muitas vezes aparecendo na mídia conservadora para defendê-lo de maneira entusiasmada. Após a eleição presidencial de 2020, ela era presença constante na mídia e apareceu várias vezes ao lado de Rudy Giuliani, advogado pessoal de Trump, repetindo as alegações infundadas de que a eleição foi roubada e que Biden não poderia ter sido eleito.

É mais um golpe legal a Trump enquanto ele tenta concorrer novamente à Casa Branca como candidato do Partido Republicano. O empresário multimilionário é acusado em quatro casos criminais separados e também está enfrentando outros processos na esfera civil. Mas seus problemas pouco fizeram para impedir seu apelo às bases republicanas. Trump é o favorito indiscutível para conquistar a indicação do partido para a disputa presidencial de 2024. •

**CONTINUIDADE DO PROJETO POLÍTICO POPULAR**

Dilma e Lula comemoram a eleição da primeira mulher à Presidência, consagrada por 55,8 milhões de votos. Seis anos depois, ela seria arrancada do poder num golpe

A PRIMEIRA PRESIDENTA

Dilma Rousseff é eleita em 31 de outubro de 2010 a primeira mulher a assumir o comando do país na história da República. Quatro anos depois, seria reeleita. Nas duas campanhas, derrotou candidatos do PSDB

Em 30 de outubro de 2010, a economista Dilma Vana Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), é eleita presidenta do Brasil com 55,8 milhões de votos (56,05%) no segundo turno das eleições gerais. Ela se tornaria

naquele dia a primeira mulher a ocupar o cargo, vencendo nas urnas o ex-governador de São Paulo José Serra (PSDB), que obteve 43,95% dos votos. Dilma tinha 62 anos e já tinha 40 anos de militância política.

Em 2014, Dilma seria reeleita ao cargo ao derrotar, no segundo

turno, o ex-governador de Minas Gerais Aécio Neves (PSDB) com 54,5 milhões de votos. Nas duas disputas, a líder política enfrentou toda sorte de ataques. Dois anos depois de ser consagrada na eleição presidencial, ela enfrentaria um impeachment cuja campanha foi liderada pelo PSDB e encam-

pada pelo PMDB de Michel Temer, eleito vice-presidente na sua chapa. Ela denunciou o processo de afastamento como um golpe parlamentar.

Dilma tem uma trajetória singular na política brasileira, com envolvimento direto em alguns dos episódios marcantes da história recente do Brasil, como a resistência à ditadura, a redemocratização do país e a consolidação de uma ordem política equilibrada entre dois blocos políticos: PT e PSDB.

Dilma nasceu em 14 de dezembro de 1947, em Belo Horizonte. O pai, Pedro Rouseff (Pétar Russev, na língua materna), era um imigrante búlgaro que criou os três filhos com rigidez europeia em Minas Gerais. A mãe, Dilma Jane Silva, era professora.

Dilma entrou na política ainda no antigo colegial, na oposição ao regime de exceção instaurado em 1964. Começou na Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (Polop), movimento que, na sua origem, era uma espécie de coalizão de dissidentes, com quadros do PCB, do PSB e do trabalhismo, além de trotskistas e outros marxistas. Na Polop, ela conheceu o primeiro marido, Cláudio Galeno de Magalhães Linhares.

Durante a ditadura militar, instaurada entre 1964 e 1985, Dilma ainda integrou a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), outro grupo de esquerda que defendia a luta armada como forma de combater o regime militar. Ela foi presa por três anos (1970-1972), período em que foi submetida a tortura.

Depois de deixar a prisão, Dilma se fixou em Porto Alegre e se casou com o advogado Carlos Araújo. Na capital gaúcha, ela cursou ciências contábeis na Univer-

sidade Federal do Rio Grande do Sul de 1974 a 1977. Com a volta de Leonel Brizola ao país após a Anistia, Dilma se filiou em 1980 ao recém-fundado Partido Democrático Trabalhista (PDT). Até 1985, ela trabalhou como assessora de deputados do partido na Assembleia Legislativa do estado.

Com a redemocratização do país, a partir de 1985, Dilma começou a construir sua carreira política. Primeiro, como secretária da Fazenda de Porto Alegre, na gestão do prefeito Alceu Colares (PDT), de 1985 a 1988. “Dilma estava junto com a gente desde o começo das conversas sobre o que a gente queria que fosse o movimento dos trabalhadores”, conta. “Fizemos reuniões para montar nosso plano de governo para Porto Alegre. Grande parte desses programas foi feita na casa dela”.

Em 1987, Dilma foi secretária das Finanças da prefeitura da capital gaúcha, sob a gestão de Collares. Em 1989, virou diretora-geral da Câmara dos Vereadores. Quando Collares foi eleito governador do estado, Dilma passou ao cargo de presidente da Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul, onde ficou de 1991 a 1993, quando virou secretária de Energia, Minas e Comunicações.

Com o fim do mandato de Collares, a economista voltou para a FEE, até 1997. Em 1998, Olívio Dutra, do PT, foi eleito governador com o apoio do PDT e ela voltou à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações. Mas quando Brizola e o PDT romperam com os petistas, Dilma e outras lideranças do partido no Rio Grande do Sul optaram por deixar o PDT e se unir ao PT de Olívio Dutra. Ela permaneceu no governo até 2002 e participou

das negociações do governo do Rio Grande do Sul com o governo federal para gestão da crise energética de 2001, o chamado “apagão” do governo Fernando Henrique Cardoso.

Em 2003, Dilma foi escolhida por Lula para ocupar a pasta de Minas e Energia em seu governo. Ela apresentou um modelo para mudar a regulamentação do setor elétrico, mantendo a presença privada, mas aumentando as funções de regulamentação e controle do Estado. E lançou o projeto “Luz para Todos”, para levar energia elétrica às áreas rurais ainda não atendidas pelas redes principais do país.

Dois anos depois, assumiria o posto de ministra-chefe da Casa Civil, em substituição a José Dirceu, que deixara o governo. Braço direito do presidente Lula em seu segundo mandato, ela foi indicada para concorrer à sucessão presidencial. Como ministra da Casa Civil, conduziu a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Com a candidatura impulsionada pela alta avaliação positiva do governo e do próprio presidente Lula – cujo índice de aprovação era superior a 80% – fruto do crescimento econômico com distribuição de renda e da ampliação das políticas públicas na área social – Dilma obteve 46,9% dos votos no primeiro turno, contra 32,6% de Serra e 19,3% de outra ex-ministra de Lula, Marina Silva (PV), que emergia como importante força política.

O pleito de 2010 também foi marcado pela eleição de muitas mulheres à Câmara dos Deputados. Entre os dez candidatos mais votados naquele ano, três eram mulheres: Manuela d’Ávila (PCdoB-RS), Ana Arraes (PSB-PE) e Bruna Furlan (PSDB-SP). •

3 de novembro de 1930

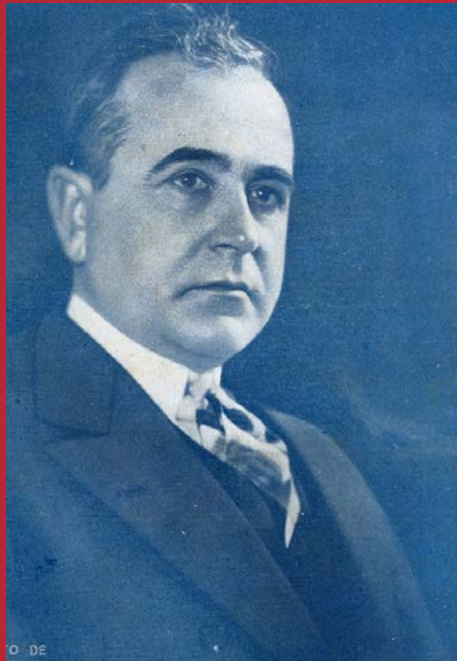
GETÚLIO ASSUME E DISSOLVE CONGRESSO

Reprodução

No palácio do Catete cercado por populares, o presidente provisório dos Estados Unidos do Brasil recebe o poder das mãos da Junta Governativa Provisória. "Assumo, provisoriamente, o governo da República, como delegado da Revolução, em nome do Exército, da Marinha e do Povo Brasileiro", discursou Getúlio na posse, quando deixou claras as prioridades de seu governo.

Em seu discurso ele anuncia a concessão de anistia, promete sanear moralmente a nação e melhorar o ensino público. Getúlio ainda anunciou que iria nomear comissões de sindicância contra crimes financeiros; remodelar e reequipar as Forças Armadas; promover a reforma eleitoral; reformular o funcionalismo público; e incentivar a produção agrícola e a policultura. Outra promessa foi a extinção do latifúndio, a revisão do sistema tributário, a construção de estradas e ferrovias e a criação dos ministérios do Trabalho e o da Instrução e Saúde Pública.

No dia 11 de novembro, Getúlio assinaria o decreto dissolvendo o Congresso Nacional e determinando que o Governo Provisório



exercesse também as funções do Poder Legislativo, até que, eleita a Assembleia Constituinte, fosse estabelecida uma nova organização constitucional do país.

Ele nomearia interventores federais em todos os estados, com exceção de Minas Gerais, cujo presidente Olegário Maciel foi mantido. Os governos do Rio Grande do Sul e de Pernambuco foram designados aos líderes revolucionários locais José Antônio Flores da Cunha e Carlos de Lima Cavalcanti, respectivamente.

1º de novembro de 1955

UM GOLPE DÁ INÍCIO À GUERRA DO VIETNÃ

Com apoio bélico dos Estados Unidos, o líder do Vietnã do Sul, Ngo Dinh Diem, cancela as eleições que unificariam o país. Cresce a resistência dos vietcongues (guerrilheiros do partido comunista) ao golpe, encabeçados por Ho Chi Minh.

A Guerra do Vietnã (1955-1975) foi o mais violento confronto armado da segunda metade do século

20: nela morreram cerca de 58 mil soldados norte-americanos e, ao menos, 1,1 milhão de vietnamitas – algumas estimativas chegam ao total de três milhões de mortos.

O conflito caracterizou-se por sua motivação ideológica. Por isso, para os Estados Unidos e todo o seu poderio bélico, a derrota militar foi também política.

4 de novembro de 1947

PRESTES E GETÚLIO DIVIDEM PALANQUE

O ex-presidente Getúlio Vargas e o secretário-geral do Partido Comunista do Brasil, Luís Carlos Prestes, dividem o palanque do vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, em comício do candidato a vice-governador Carlos Cirilo Júnior. Cirilo concorre, pelo PSD, contra Luís Gonzaga Novelli Júnior, genro do presidente Eurico Gaspar Dutra, ambos do PSD.

Vargas havia recomendado o voto em Dutra em 1945, mas depois rompera com o presidente, por discordar de sua política econômica liberal e da repressão do governo aos sindicatos.

Por causa disso, o ex-presidente saiu da sua fazenda em São Borja, no Rio Grande do Sul, para fazer campanha contra Novelli. Prestes, por sua vez, reagia à pressão que Dutra exercia sobre o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para cassar os mandatos dos parlamentares comunistas – o PCB fora posto na ilegalidade pelo tribunal em maio.

Na ditadura de Vargas, Prestes havia ficado preso por nove anos e vira sua esposa, Olga Benário, ser entregue, grávida, à Alemanha nazista. No palanque do Anhangabaú, Getúlio e Prestes evitaram contato. O ex-presidente discursou e, sob aplausos, foi embora.

Quando a fala de Prestes foi anunciada para as cerca de 10 mil pessoas presentes, ouviram-se tiros e bombas – com truculência, a polícia passou dispersar a multidão, deixando muitos feridos. Prestes e Cirilo tiveram de deixar o palanque protegidos pelos militantes.

Reprodução

30 de outubro de 1961

MAZZAROPPI EXPRESSA NOSTALGIA CAIPIRA

A PAM Filmes lança “Tristeza do Jeca”, o mais importante filme da fase rural da carreira do ator, produtor e diretor Amácio Mazzaropi. O filme vem consagrar o personagem da obra do escritor Monteiro Lobato.

O personagem já havia aparecido dois anos antes, no filme “Jeca Tatu”, com o próprio Mazzaropi no papel-título. Com Mazzaropi, que agora também dirige, ele representaria o caipira, o brasileiro do interior desconfiado das modernidades que surgiam no país e esquivo aos novos valores urbanos.

Versão rural e paulista das chanchadas da carioca Atlântida Cinematográfica, os filmes de Mazzaropi eram produzidos por uma companhia própria, a Produções Amácio Mazzaropi (PAM). Eram filmes de baixo custo, herdeiros da tradição circense e do teatro mambembe.

Assim como as chanchadas cariocas, os filmes de Mazzaropi caíram no gosto do público e renderam grandes bilheterias, apesar das críticas de setores da intelectualidade.

A produção de Mazzaropi tem dois momentos distintos: a fase urbana, de 1951 a 1958, e a fase rural, que começa em 1959 e dura até os anos 1970.

“Tristeza do Jeca” foi concebido a partir da canção homônima composta por Angelino de Oliveira e eternizada por Tonico e Tinoco.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br



4 de novembro de 1969

MARIGHELLA É ASSASSINADO EM EMBOSCADA

Ex-deputado federal Carlos Marighella nos anos 40 pelo PCB e o principal dirigente da Ação Libertadora Nacional (ALN), Carlos Marighella era assassinado em 4 de novembro de 1969 numa emboscada organizada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, do Dops paulista. Foi baleado dentro de um fusca na alameda Casa Branca, região dos Jardins, em São Paulo.

O guerrilheiro havia sido atraído para uma armadilha por um frade dominicano simpatizante da ALN, que, sob tortura, informou o local, o dia e a hora de um encontro com o líder revolucionário. Segundo a versão oficial, ele foi abatido depois de sacar uma arma e resistir

à prisão. O jornalista Mário Magalhães, em seu livro “Marighella, o Guerrilheiro que Incendiou o Mundo”, revela que ele estava desarmado ao ser morto dentro do carro.

Marighella vivia na clandestinidade desde 1965 e era considerado o inimigo nº 1 da ditadura. A ALN era o maior grupo de resistência armada aos militares. Dois meses antes, um comando da organização sequestrou o embaixador dos EUA no Brasil, Charles Elbrick, em uma ação espetacular feita em conjunto com o MR-8. O assassinato do veterano dirigente comunista marcou o início do declínio das organizações revolucionárias de esquerda no país.

1º de novembro de 1970

DOM PAULO ASSUME LUTA POR JUSTIÇA E PAZ

Dom Paulo Evaristo Arns é nomeado arcebispo de São Paulo pelo papa Paulo 6º, assumindo o posto no auge da repressão da ditadura militar. Ele deu grande contribuição para o fortalecimento da sociedade civil, especialmente na defesa intransigente dos direitos humanos.

Uma de suas primeiras iniciativas foi visitar o Presídio Tiradentes,

onde havia cerca de 400 presos políticos e também centenas de prisioneiros comuns – todos pobres e submetidos a maus tratos. Dom Paulo foi responsável pela criação da Comissão Justiça e Paz, dedicada à proteção das vítimas da repressão e aos perseguidos políticos, tornando-se uma das mais expressivas lideranças religiosas do país.



CPDocJB

Reprodução

30 de outubro de 1979

SOLDADOS DA PM ATACAM PIQUETE E MATAM O OPERÁRIO SANTO DIAS

Em 30 de outubro de 1979, policiais militares atiram contra metalúrgicos que distribuíam panfletos em frente à fábrica de televisores Sylvania, na zona sul de São Paulo, convocando uma greve da categoria. Santo Dias da Silva, dirigente da oposição metalúrgica e militante da Pastoral Operária, morreu no local. Três companheiros foram feridos. A polícia recolheu o corpo

imediatamente e tentou montar uma versão de tiroteio para o assassinato, mas nenhum dos trabalhadores estava armado.

O corpo de Santo Dias só foi liberado após intensa pressão de dirigentes sindicais e deputados da oposição. O assassinato provocou uma reviravolta no movimento grevista, que era boicotado pela diretoria pelega do Sindicato dos Metalúrgicos de

São Paulo. Poucas horas depois do crime, 6 mil trabalhadores decidiram manter a greve e rejeitar a proposta patronal.

O enterro do líder metalúrgico foi acompanhado por 10 mil pessoas e saudado com chuva de papel picado do alto dos edifícios de São Paulo. Dias foi o terceiro trabalhador morto pela polícia na repressão a greves naquele ano.



Como JESUS, SANTO foi morto por cabos de aço. Em São Paulo, no dia 30 de outubro de 1979, às 14 horas, em frente à Fábrica Sylvania, pela Polícia Militar.

30 de outubro de 1986

ANGELI LANÇA “CHICLETE COM BANANA”

É lançada a revista “Chiclete com Banana”, dirigida por Angeli, reunindo cartunistas como Glauco e Laerte. A publicação expressava as frustrações de uma geração de artistas que, após anos de repressão, censura e ditadura, via a redemocratização patinar devido à ação de uma elite conservadora, avessa às mudanças de costumes e comportamento.

A nova geração de chargistas

produzia trabalhos irreverentes e críticos de humor ácido, que capturavam e expunham as contradições da época. Personagens emblemáticos que sintetizavam o espírito contestador daquele momento, como Bob Cuspe, Rê Bordosa, Wood & Stock, Meia Oito e Os Skrotinhos, entre tantos outros, ganharam exposição massiva. A revista teria apenas 24 edições.



Reprodução

Outubro de 2007

OS CINECLUBES SE ESPALHAM PELO PAÍS

O Ministério da Cultura (MinC) lança o programa Cine Mais Cultura, com o objetivo de fomentar núcleos de cineclubes e criar polos de multiplicação do cinema nacional em todas as regiões do país, especialmente nas áreas periféricas. O programa fornece equipamento, treinamento e acervo de filmes nacionais.

O Conselho Nacional de Cineclubes e as federações desapareceram em 1969, assim como quase todos os cineclubes do interior do país, justamente após a decretação do AI-5 e do endurecimento do regime político e social.

Os anos 1970 foram marcados pelo movimento cineclubista politicamente engajado, próximo às lutas dos sindicatos, partidos clandestinos, associações e diretórios estudantis e demais focos de resistência à ditadura militar. No final dos anos 1980, o movimento cineclubista já havia perdido sua força.

A retomada se deu somente em 2003, com apoio do Ministério da Cultura, que funcionou como base para rearticulação do movimento. Até 2011, seriam criados mais de 1.040 cineclubes em todo o Brasil, com protagonismo da sociedade civil.



Arquivo

30 de outubro de 2007

BRASIL VENCE DISPUTA PARA SEDIAR A COPA DE 2014

O presidente da Federação Internacional de Futebol (Fifa), Joseph Blatter, anuncia em Zurique (Suíça) que a Copa do Mundo Fifa de 2014 será realizada no Brasil. Cinquenta e sete anos depois, o país volta a ser o país-sede.

O Brasil era candidato único desde 2006, quando foi indicado pela Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol). Anteriormente, haviam postulado candidatura Chile, Argentina, Colômbia, Venezuela e Canadá.

A Copa no Brasil seria a 20ª edição do evento e a quinta na América do Sul. Todas as equipes campeãs desde a primeira edição, em 1930 (Uruguai, Itália, Alemanha, Inglaterra, Argentina, França, Brasil e Espanha), se qualificariam para o torneio, com a

Alemanha virando tetracampeã.

Na fase inicial, a Copa ficou marcada por protestos de rua, promovidos por grupos da direita, críticos aos investimentos públicos no evento. Apesar da ampla cobertura da imprensa nacional aos protestos e contrariando o prognóstico de que a o país não estava preparado para um evento internacional daquele porte, a Copa ocorreu sem problemas. A infraestrutura de mobilidade urbana, hospedagem e arenas funcionou normalmente.

Para realizar a Copa, cujas partidas seriam realizadas em 12 cidades, o Brasil investiria R\$ 17,6 bilhões. O torneio trouxe ao país 1 milhão de turistas estrangeiros e injetou R\$ 30 bilhões no PIB brasileiro daquele ano.

Outubro de 2009

COM LULA, O BRASIL DEIXA DE SER DEVEDOR E AGORA É CREDOR DO FMI

Pela primeira vez na história, o Brasil empresta dinheiro ao Fundo Monetário Internacional (FMI): US\$ 10 bilhões para ajudar países emergentes em meio à crise econômica mundial. A medida representa uma guinada na relação do país com o FMI.

Durante décadas, o Brasil recorreu à ajuda financeira do fundo para equilibrar suas contas, submeten-

do-se às exigências de cortes nos investimentos e de ajuste fiscal impostas aos países devedores.

O empréstimo ao FMI foi concedido quatro anos após o Brasil saldar sua dívida com a instituição, em 2005. Durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, de 1995 a 2002, o país recebera três desembolsos do fundo, totalizando US\$ 67 bilhões.

O empréstimo de US\$ 10 bilhões do Brasil ao FMI era parte de uma ação articulada pelo BRIC – grupo bloco formado por Brasil, Rússia, Índia e China –, cujos integrantes fizeram aportes específicos para ajudar os países emergentes.

A mudança de paradigma na relação com o FMI se tornou possível graças ao cenário de crescimento contínuo da economia brasileira.

CULTURA

**“MEU NOME É GAL”
TRAZ UMA
PERSPECTIVA
FEMININA**

Filme das cineastas Dandara Ferrereira e Lô Politti refaz o percurso da cantora baiana entre 1966 e 1971, quando o movimento tropicalista deixou uma forte marca na música popular brasileira

Bia Abramo

A cineasta Dandara Ferrereira teve um azar enorme. Enquanto desenvolvia e filmava “Meu Nome é Gal”, feito em parceria com Lô Politti, ela perdeu a amiga e personagem Gal Costa, que acompanhava, mesmo que de longe, a feitura do filme. A morte de Gal, em 9 de novembro de 2022, interrompeu a contribuição que a cantora poderia dar à sequência que estava na cabeça de Dandara como possibilidades de mais dois longas ou mesmo uma série. E, no entanto, o filme teve uma espécie de sorte amarga de acabar estreando em outubro de 2023, ou seja, no mesmo ano em que a música brasileira também perdeu Rita Lee.

A comoção por essas duas desaparecimentos abruptas são parcialmente responsáveis pela enorme expectativa criada em torno de “Meu Nome é Gal”. A escolha de uma atriz jovem, que faz sucesso na televisão, para protagonizar a trajetória de Gracinha a Gal, pode ser elencado como outro fator externo que ajudou a criar o buzz. Um terceiro? A permanência da Tropicália como uma espécie de mito fundador de uma cultura jovem, contestatória, rebelde e moderna.

Nada disso, no entanto, aguentaria de pé por si só, caso o filme fosse desalinhavado. E não é. Para começo de conversa, “Meu Nome é Gal” escolheu o caminho mais árduo de representar um pedaço da história, a partir de um roteiro escrito sem um lastro maior de uma biografia ou autobiografia. Escolha arriscada, dado

que a Tropicália vem sendo documentada em vários formatos – e, ainda por cima, tem muitos de seus principais protagonistas vivos e em atividade.

Dandara, no entanto, já tinha ido pelo caminho do documentário quando fez “O Nome Dela é Gal” em 2017, série de quatro episódios para uma plataforma de streaming, de onde saiu boa parte da pesquisa que embasa a narrativa. Outro movimento que se revela acertado é o fato de ter circunscrito a história de Gal a um espaço de tempo curto: da chegada a São Paulo em 1967 à montagem do show “Gal a Todo Vapor” em 1971. São apenas quatro anos, mas que quatro anos...

É nesse intervalo que se monta o movimento tropicalista tal como ficou célebre. São esses os anos dos festivais de televisão que catapultam (ou enterram) as carreiras de muitos artistas da música de então e que a cultura brasileira tem um pico de criatividade imaginativa pouco comparável a outros períodos. Ao mesmo tempo, no meio desse caminho havia uma ditadura militar radicalizando sua atuação repressiva.

Nesse sentido, “Meu Nome é Gal” se constrói também como um filme de coming of age – é a história de uma menina que vira mulher num tempo conturbado, de uma pós-adolescente talentosa que se torna a voz, o grito, o sussurro e o gemido da tropicalismo e do que virá depois. E é um filme feito por mulheres que especula, por meio das transformações do corpo, das guinadas na carreira e pela profundidade das escolhas musicais de Gal, como será que era ser uma mulher naquele tempo e naqueles lugares

que, hoje sabemos, foram tão decisivos.

Sim, estão lá Caetano Veloso e Gilberto Gil, com seus perfis bem demarcados – a liderança poética performática de Caetano, a musicalidade transbordante de Gil. Mas está também a turma que acolhe Gal quando Caetano e Chico são presos e, depois, partem para o exílio em Londres: Jards Macalé, Wally Salomão, Tom Zé e Torquato Neto. E ainda que Caetano e Gil “organizem o movimento, orientem o Carnaval” e estejam na posição de destaque de compositores e letristas, o filme procura sublinhar também o protagonismo da “dona da voz” – e, se havia alguma dúvida de que Sophie Charlotte era adequada ao papel ela se dissipa exatamente quando ela interpreta “Divino Maravilhoso”.

Ainda que não confronte outras histórias “oficiais” da Tropicália e que não pareça essa ter sido a intenção de Dandara, acaba por também começar a construir uma narrativa alternativa e feminina, quebrando (ou arranhando) a perspectiva exclusivamente masculina da história do movimento.

Centrada na jornada existencial de Gal, os personagens de destaque serão outros além dos óbvios. Há Dedé Gadelha, mulher de Caetano naquele período e mãe de Moreno, em interpretação magistral de Camila Márdila. Também surgem as aparições-relâmpago de Maria Bethânia, vivida pela própria diretora Dandara Ferrereira, a mãe de Gal – a incrível Chica Carelli – e o empresário Guilherme Araújo, interpretado por Luiz Lo Bianco. O filme é essencial para compreender esse período da história. •



Olimpio

A NOVA CANÇÃO DOS BEATLES

Paul McCartney e Ringo Starr anunciam “Now and Then”, composição de John Lennon resgatada agora que se torna o canto do cisne dos quatro garotos de Liverpool. Single e documentário são lançados neste início de novembro

Olímpio Cruz Neto

Do baú dos Beatles sempre haverá alguma surpresa a agradar aos fãs da maior banda de todos os tempos. Duas semanas depois de os Rolling Stones anunciarem seu novo álbum, o primeiro com originais depois de 18 anos, Paul McCartney e Ringo Starr anunciaram na última semana o lançamento de “Now and then”, uma composição inacabada de John Lennon, escrita no final da década de 1970, concluída este ano usando tecnologia que separa o vocal de John Lennon de uma faixa de piano.

O lançamento ocorre mais de meio século depois que o grupo se separou, graças aos avanços na tecnologia de áudio. O uso de Inteligência Artificial virou o grande ‘buzz’ na mídia britânica e americana. “Now and then” deveria ter sido lançada ainda nos anos 90, junto com “Free as a Bird” e “Real Love”, durante a recuperação da obra dos Fab Four materializadas no projeto “Anthology”.

Gravada por Lennon como uma demo com piano e vocais na casa

do músico inglês no Edifício Dakota, em Manhattan, não muito antes de ele ser morto em 1980, a canção ganha uma nova vida agora. Em junho, Paul disse à BBC Radio 4 que a IA havia sido usada para “desembaraçar” a voz de Lennon da gravação em cassete. “Fomos capazes de pegar a voz de John e obtê-la pura e cristalina através dessa IA”, disse. “Então podemos mixar o disco, como você normalmente faria. Isso te dá algum tipo de margem de manobra”.

Paul recebeu a gravação da viúva Yoko Ono, em 1994, e foi trabalhar com George Harrison e Ringo Starr junto com as outras duas faixas – “Free as a Bird” e “Real Love”. Mas descobriram que a gravação caseira de “Now and Then” não poderia ser devidamente mixada com as ferramentas da época. Isso agora mudou. No ano passado, McCartney e Starr trabalharam para completar a música, usando a mesma tecnologia de áudio – MAL da WingNut Films – que o diretor Peter Jackson usou para isolar instrumentos, vocais e conversas do documentário “The Beatles: Get Back”, lançado em 2021.

“Lá estava, a voz de John, crista-

lina”, disse McCartney sobre “Now and then”. “É muito emocionante. E todos nós tocamos, é uma gravação genuína dos Beatles. Em 2023, para ainda estar trabalhando na música dos Beatles, e pres-tes a lançar uma nova música que o público não ouviu, acho que é uma coisa emocionante”. E Ringo: “Foi o mais próximo que chegaremos de tê-lo de volta à sala, então foi muito emocionante para todos. Era como se John estivesse lá”.

“Now and then” ainda ganha um minidocumentário de 12 minutos no dia 1º e um videoclipe no dia 3. A canção ainda inclui a “guitarra e o violão gravados em 1995 por George, a nova parte de bateria de Ringo, e baixo, guitarra e piano de Paul, que combina com a interpretação original de John”. Tem ainda um solo de guitarra slide de Paul inspirado em George, bem como vocais de apoio com Ringo no refrão. A faixa também contará com um arranjo de cordas de Giles Martin, filho de George Martin, que morreu em 2016. O lançamento de “Now and Then” será embalado com a canção de estreia dos Beatles em 1962 “Love Me Do”. •



BRASIL

200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC
EDITORA

MADRID - 24, 25 e 26 DE NOVEMBRO DE 2023

VI EPTEX

ENCONTRO DE PETISTAS NO EXTERIOR



ORGANIZAÇÃO:



PARTIDO DOS TRABALHADORES

SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS



PARTIDO DOS TRABALHADORES
NÚCLEO DE MADRID



Núcleo
Lisboa



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores



NÚCLEO
Comunidade
Valenciana



NÚCLEO DA
GALIZA

Madaba Br